

ANÁLISE GLOBAL 2019 FRONT LINE DEFENDERS



f FRONT LINE
DEFENDERS

Na capa: mulheres chilenas apresentando danças e canções locais em meio a manifestações contra a repressão policial e o governo, no centro da Plaza de la Dignidad, em Santiago, durante as mobilizações em massa de dezembro.

Crédito da foto: Felipe Marin Araya (@angulos_dispersos)

Publié par:

Front Line, la Fondation internationale pour la protection des défenseurs des droits humains
Grattan House
Temple Road Blackrock,
A94 FA39
County Dublin
Irlande

© 2020 por Front Line Defenders

Ce matériel est enregistré sous une licence Creative Commons Attribution– NonCommercial
ShareAlike 3.0 Licence.

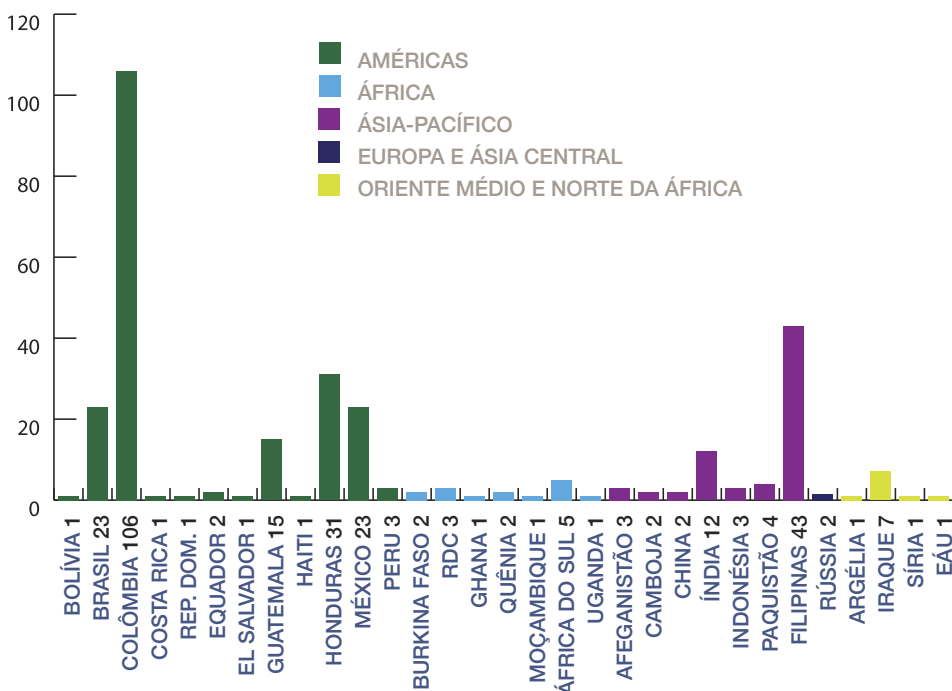
Conception:

Ce rapport a été réalisé dans l'intérêt des défenseurs des droits humains et peut être cité ou copié en mentionnant les sources des auteurs.

Des copies papier de ce rapport sont disponibles via info@frontlinedefenders.org

**ANÁLISE
GLOBAL
2019
FRONT LINE
DEFENDERS**

ESSES SÃO OS NOMES DAS 304 PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS QUE FORAM ASSASSINADAS EM 2019, CONFORME RELATADO AO MEMORIAL INTERNACIONAL DAS PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS. LEMBRAMOS DESSAS PESSOAS E DEDICAMOS NOSSO TRABALHO A ELAS.



NOS CASOS EM QUE OS DADOS ESTÃO DISPONÍVEIS, 85% DAS PESSOAS ASSASSINADAS SOFRERAM AMEAÇAS, SEJA INDIVIDUALMENTE OU COMO PARTE DA COMUNIDADE / GRUPO EM QUE TRABALHAVAM.

ANTES DE SEREM ASSASSINADAS, EM 75% DOS CASOS PARA OS QUAIS EXISTEM DADOS DISPONÍVEIS, ATAQUES FORAM COMETIDOS CONTRA AS PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS OU CONTRA SEUS/AS COLEGAS OU OUTROS/AS DEFENSORES/AS EM SUA ÁREA.

13% DAS MORTES FORAM DE MULHERES.

40% DAS PESSOAS ASSASSINADAS TRABALHAVAM COM DIREITOS À TERRA, AO MEIO AMBIENTE E DE POVOS INDÍGENAS.

OS ASSASSINATOS EM HONDURAS AUMENTARAM QUATRO VEZES EM RELAÇÃO A 2018, ENQUANTO DIMINUÍRAM NA GUATEMALA E NO MÉXICO.

BOLÍVIA

Ronald Aceituno Romero

BRASIL*

Paulo Anacleto
Raimundo Benício Guajajara
Carlos Cabral Pereira
Sandro Cipriano
Francisco de Souza Pereira
Luis Ferreira da Costa
Dilma Ferrera Silva
Paulo Guajajara
Jose Izídio Dias
Nemis Machado de Oliveira
Alessandro Bráulio Matos Fraga
Leo Antonio Michels Ostrowski
Marcelo Miguel Ortiz D'Elia
Humberto Peixoto
Maxciel Pereira dos Santos
Firmino Prexede Guajajara,
Eliseu Queres
Edvan José Ribeiro
Ari Ribeiro da Silva
Marcio Rodrigues dos Reis
Rosane Santiago Silveira
Antônio Sobrinho
Emyra Wajãpi

COLÔMBIA

Mario Alberto Achicué
Jesús Adier Perafán
Miguel Ángel Alpala
Dagoberto Álvarez
Belisario Arciniegas García
Carlos Aldario Arenas Salinas
Freiman Baicué
Demetrio Barrera Díaz
Cristina Bautista

Hernán Antonio Bermúdez
María Nelly Bernal Andrade
Luis Eduardo Caldera Villamizar
Pablo Emilio Campo Tequia
Toribio Canás Velasco
Wilmar Carvajalino
Asdrúbal Cayapu
Francisco Javier Cervantes Florez
Victor Manuel Chanit Aguilar
Fredy Yesid Chisco Garcia
Magdalena Cocubana
Dilio Corpus Guetio
Alfonso Correa Sandoval
Concepción Corredor
José Cortés Sevillano
Bernardo de Jesús Chanci
Querubín de Jesús Zapata Avilés
José Del Carmen Jara Ardila
José Hugo Delgado Téllez
Humberto Díaz Tierradentro
Gilberto Domicó Domicó
Oneida Epiayú
Marlon Ferney Pacho
Eliodoro Finscue
Samuel Gallo
Lilia Patricia García
Orlando Gómez
Anderson Ramiro Gómez Herrera
Didier Ferney González
Héctor González
Edwin Andrés Grisales Galvis
Enrique Guejia Meza
Miguel Antonio Gutiérrez Martínez
Policarpo Guzman Mage
Milton Hernández
Liliana Holguín
María del Pilar Hurtado
Lucero Jaramillo Álvarez

Joaquín Emilio Jaramillo López
Fernando Jaramillo Velez
Mauricio Lezama Rengifo
Humberto Londoño
Argemiro López Pertuz
José Fernel Manrique Valencia
Aquileo Mecheche Baragon
Elicerio Mendoza
Kevin Mestizo
Dumar Mestizo
Jesús Eduardo Mestizo Yosando
Wilmer Antonio Miranda
Diofanor Montoya
José Arquímedes Moreno
Yunier Moreno Jave
José Arled Muñoz Giraldo
Uver Ney Villano
Jhon Jairo Noscué
Daniel Obando Arroyo
Daniilo Olayo Perdemo
Jose Jair Orozco
Aydali Ortega Marulanda
Lede María Ortega Ortiz
José Manuel Pana Epiayú
Wilson Pérez Ascanio
Zaira Bellasmín Pérez Hinojosa
Anderson Pino Castaño
Julián Alexander Quiñones Oñate
Maritza Quiroz Leiva
Constantino Ramírez Bedoya
Ladevis Ramos
Guillermo León Rengifo Ramírez
Walter Enrique Rodríguez Palacio
Daniel Eduardo Rojas Zambrano
Marco Antonio Romero Lozano
Sonia Rosero
Jairo Javier Ruiz Hernández
Luis Manuel Salamanca Galindez

John Salas Barrera
José Rafael Solano González
José Gerardo Soto
James Wilfredo Soto
Miguel Suárez Santiago
Eugenio Tenorio
Wilson Charley Tenorio
Eduardo Torres
Erick Yammid Torres Buitrago
Aydée Trochez
Flower Jair Trompeta Pavi
Victor Manuel Trujillo
Luis Joaquín Trujillo
José Eduardo Tumbó
Gilberto Valencia
Benedicto Valencia
Jairo Vargas Yandi
Eric Esnorald Viera Paz
Christian Andrés Vitonás Yatacué
Gersaín Yatacué
Ebel Yonda Ramos

COSTA RICA
Sergio Rojas Ortiz

REPÚBLICA DOMINICANA
Ignacio Alfonso Abreu Romero

EQUADOR
Inocencio Tucumbi
Vicente Vera Párraga

EL SALVADOR
Jade Camila Díaz

GUATEMALA
Rosendo Wosbeli Aguilar Gómez
Delfino Agustín Vidal

*Informações completas para o Brasil não foram divulgadas por nossa fonte de dados, a Comissão Pastoral da Terra (CPT); a versão online do relatório será atualizada quando essas informações forem divulgadas. Por favor, consulte: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/5037-despejos-assassinatos-e-reforma-agraria-paralisada-marcam-primeiro-ano-do-governo-bolsonaro>

Gabriel Humberto Chacón García
Jorge Miguel Choc
Paulina Cruz Ruiz
Willy de Paz Bojorquez
José Roberto Díaz
Professor Diana Isabel Hernández Juárez
Jorge Juc Cucul
Leonel Nájera Mage
Manuel Pérez Hernández
Isidro Pérez Pérez
Julio Ramirez
Melesio Ramírez
Obdulio Javier Villagrán

HAITI
Judy Charlot

HONDURAS
Jorge Alberto Acosta
Edgar Joel Aguilar
Johana Alvarado
José Alejandro Arita
Lesbin Daniel Ávila Caballero
Maribel Boilan
Buenaventura Calderón
Santi Carvajal
Leonardo Gabriel Castillo Lagos
Kerin Francisco Cerna Hernández
Eblin Noel Corea Madariaga
Santos Isidro Cruz
Wilfredo de Jesus Moncada
Noel Isaac del Cid
Bessy Ferrera
Darlin Dionisio Funes Vásquez
Oscar Francisco Guerrero Centeno
Abad Miguel Guity
Leonardo Gabriel Hernandez
Luis Antonio Maldonado
Juan Samael Matute
Solomon Matute
Óscar Daniel Mencía Cantarero
María Digna Montero
Adolfo Redondo
Junior Javier Rivas
Milgen Idán Soto Ávila
Mirna Teresa Suazo Martínez
Maricruz Tolvez
Marco Tulio Cruz
Anselmo 'Telmo' Villareal

MÉXICO
José Luis Álvarez Flores
Isaías Cantú Carrasco
Arnulfo Cerón Soriano

Gregorio Chaparro Cruz
Sinar Corzo Esquinca
Gustavo Cruz Mendoza
Eulodia Lilia Díaz Ortiz
Samir Flores Soberanes
Luis Armando Fuentes Aquino
Bernardino García Hernández
José Santiago Gómez Álvarez
Abiram Hernandez Fernandez
Noé Jiménez Pablo
Estelina López Gómez
Bartolo Morales Hilario
Mario Moreno López
Rafael Murúa Manriquez
Camilo Pérez Álvarez
Zenaida Pulido Lonbera
Telésforo Santiago Enríquez
Norma Sarabia
Cruz Soto Caraveo
Isaías Xantenco Ahuejote
Maria Cristina Vazquez

PERU
Cristian Java Rios
Paul McAuley
Claudia Vera

BURKINA FASO
Hama Balima
Fahadou Cissé

RDC
Joël Imbangola Luneau
Muhindo Kanzogha Obadi
Papy Mumbere Mahamba

GANA
Ahmed Hussein-Suale

QUÊNIA
Samuel Ragira Mogaka
Esther Mwikali Wambua

MOÇAMBIQUE
Dr. Anastácio Matavel

ÁFRICA DO SUL
Ayanda Denge
Roland Mani
Kuliswa Nondala
Tshililo Timson
Midasi Wanana

UGANDA
Wasswa John

AFEGANISTÃO
Saeed Karim Musawi
Mena Mangal
Abdul Samad Amiri

CAMBOJA
Sum Moeun
Uon Vanna

CHINA
Wang Meiyu
Nurmuhammad Tohti

ÍNDIA
Dani Batra
Jagdish Golia
Naresh Mitra
B Mohan
Sukhram Munda
Abhimanyu Panda
Chirag Patel
Vinayak Shirsat
Bal Govind Singh
Kishore Singh Juliasar
M Sreenivas
Shabbar Zaidy

INDONÉSIA
Siregar Golfrid
Maraden Sianipar
Martua Siregar

PAQUISTÃO
Muhammad Bilal Khan
Malik Amanullah Khan
Afzal Kohistani
Arman Loni

FILIPINAS
Datu Mario Aagsab
Zando Alcovendas
Joel Anino
Steve Arapoc
Remegio Marco Arquillos
Sergio Atay
Edgardo Avelino
Ismael Avelino
Nedis Bacong
Roland Mani
Nelly Bagasala
Jeffrey Bayot
Pizo Cabug
Guillermo Casas
Felipe Dacal-Dacal
Sanito Delubio
Nicasio Ebio

Dennis España
Arnie Espenilla
Randel Gallego
Ryan Hubilla
Lito Itao
Ramon Jalandoni
Datu Kaylo Bontolan
Alex Lacay
Franklin Lariosa
Reynaldo Malarborbor
Randy Felix Malayao
Angelito Marivao
Roberto Mejia
Neptali Morada
Liovigildo Palma
Jerome Pangadas
Bernardino Patigas
Salvador Romano
Leonides Sequeña
Larry Suganob
Nathaniel Dodo Tagaylo
Leah Talumbang
Emel Tejero
Emelda Torralba
Anthony Trinidad
Leah Tumbalang
James Vinas

RÚSSIA
Dmitry Gribov
Yelena Grigoryeva

ARGÉLIA
Kamal Eddine Fekhar

IRAQUE
Fahem Al Tai
Safaa Al-Saray
Hussein Adel Madani
Dr. Alaa Mashthob Abboud
Ali Mahmoud Najm al-Lami
Adnan Rustom
Zahraa Salman

SÍRIA
Ali Mahmoud Othman

EMIRADOS ÁRABES UNIDOS
Alia Abdel Nour

Visão global

O ANO DE 2019 FOI CARACTERIZADO POR ONDAS DE **PROTESTOS** DE MAGNITUDE NOTÁVEL EM TODAS AS REGIÕES DO MUNDO EXIGINDO MUDANÇAS NA FORMA COMO AS PESSOAS SÃO GOVERNADAS. O papel das pessoas defensoras dos direitos humanos nesses protestos variou de organização e mobilização a monitoramento e documentação de violações de direitos humanos e assistência a quem foi ferido/a ou preso/a. As causas dos protestos nas ruas e da agitação social variaram, mas tenderam a girar em torno da rejeição à profunda desigualdade econômica, da corrupção desenfreada e da reivindicação por direitos civis e políticos mais amplos. Embora as manifestações tenham sido amplamente pacíficas, as forças de segurança em muitos países usaram atos de violência praticados por uma minoria de manifestantes como uma desculpa para responder com o uso excessivo de força contra a maioria. Mesmo em contextos onde não havia ameaça, as forças de segurança agiram muitas vezes de maneira implacável. Isso foi destacado no Sudão em junho, quando três pessoas defensoras de direitos humanos estavam entre as dezenas de mortos/as a tiros pelas forças de segurança enquanto participavam de uma manifestação na sede do Conselho Militar de Transição. A velocidade com que a polícia e outras forças foram autorizadas a usar gás lacrimogêneo, balas de borracha e munição letal contra manifestantes não violentos/as foi extremamente preocupante, na medida em que, atualmente, governos de todo o mundo buscam remover da sociedade civil a prerrogativa de exercer a tática de mobilizações pacíficas nas ruas.

Em quase todos os países que vivenciaram protestos em massa, **as pessoas defensoras de direitos humanos foram alvos preferenciais**; no Iraque, onde os protestos anticorrupção levaram a mais de 300 pessoas mortas em outubro e novembro, Saba Al Mahdawi, defensora de direitos humanos, foi sequestrada e mantida por quase duas semanas por militantes não identificados, provavelmente por causa de seu trabalho no fornecimento de alimentos, água e assistência médica a manifestantes feridos/as; no Cazaquistão, fiscais eleitorais que estavam destacando irregularidades nas eleições presidenciais de junho e jornalistas que cobriam as manifestações subsequentes foram detidos/as e ameaçados/as; no Chile, pelo menos 22 pessoas foram mortas e milhares de outras feridas, e na República Democrática do Congo, pelo menos cinco pessoas foram mortas em protestos exigindo maior proteção da população civil pelo governo e pela força de manutenção da paz da ONU, MONUSCO, depois que mais de 3.000 civis foram massacrados/as por milícias em Beni, leste da RDC.

Em outros países, incluindo Sudão, Zimbábue e a Caxemira administrada pela Índia, o acesso à Internet foi restringido ou sites específicos foram bloqueados na tentativa de limitar a comunicação de manifestantes entre si e com o mundo exterior, além de impactar negativamente o trabalho de defensores e defensoras de documentar violações de direitos humanos. Apesar desses ataques, a longevidade dos movimentos foi extraordinária e forçou alguns países a reconsiderar a relação entre o Estado e a população; autocratas no Sudão e na Argélia foram depostos, enquanto no Chile, Equador e Líbano, as autoridades cederam às demandas para reduzir a desigualdade, introduzindo reformas ou retirando projetos de lei que haviam gerado as manifestações. Em Hong Kong, um projeto de lei que permitiria extradições do território semiautônomo para a China continental, o que representaria sérios riscos para defensores e defensoras de direitos humanos, foi descartado. No entanto, como em muitos lugares, essas mudanças foram insuficientes ou chegaram tarde demais e o objetivo dos protestos se expandiu além das demandas iniciais para questões mais amplas de justiça, liberdade política, prestação de contas e transparência.

Enquanto pequenos grupos de pessoas nessas manifestações se envolveram em vandalismo, brigas com a polícia, lançamento de objetos e coquetéis molotov para responder à violência policial e outras táticas agressivas, o uso excessivo e indiscriminado da força contra manifestantes e até espectadores comuns têm sido a resposta principal das autoridades de muitos países, frequentemente seguidas de negação e dispensa de pedidos de investigações independentes.

O fato de a segurança das pessoas defensoras de direitos humanos estar intimamente ligada aos que estão no poder destaca claramente como os direitos humanos não foram institucionalizados e continuam sendo vistos como um presente que os governantes têm a faculdade de conceder. Embora isso não seja novidade, os períodos após, durante e anterior às eleições de 2019 foram alguns dos momentos de maior risco para as pessoas defensoras de direitos humanos, já que foram visadas por motivos políticos. Na Polônia, o Partido Justiça e Paz (PiS), atualmente no poder, fez oposição à "ideologia LGBTI ocidental" parte de sua plataforma para as eleições de outubro; a defensora de direitos humanos Elzbieta Podlesna foi presa e acusada de "ofender crenças religiosas" por postar imagens da Nossa Senhora de Czestochowa (Virgem Maria) com uma auréola de arco-íris. O ministro do Interior polonês corroborou com sua prisão, tuitando: "Toda essa bobagem sobre liberdade e 'tolerância' não dá a NINGUÉM o direito de insultar os sentimentos dos fiéis". Os defensores e defensoras de direitos humanos enfrentaram ataques contínuos no período que antecedeu as eleições em Moçambique, também em outubro, sendo os principais alvos aqueles/as envolvidos/as no monitoramento das eleições.

DEZ LEIS QUE LIMITAM A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

As novas legislações aprovadas ou alteradas em 2019 que reduzem ainda mais a capacidade de defensores e defensoras e da sociedade civil de proteger e promover os direitos humanos incluem:

- A “lei soberana da Internet” na **Rússia** exige que os provedores de serviços de Internet instalem software para rastrear, filtrar e redirecionar o tráfego da Internet e permite que o governo bloqueie o acesso a conteúdos.
- Embora a **Nicarágua** tenha aprovado uma lei abrangente de anistia, ela proíbe manifestantes libertados/as de se envolverem em quaisquer protestos e impede as vítimas de terem acesso à justiça. Também protege a polícia e outras pessoas que participaram da repressão violenta a protestos contra o governo.
- O **Egito** promulgou uma nova lei para ONGs como alternativa à amplamente criticada Lei nº 70 de 2017. A nova lei continua a impor restrições ao estabelecimento, funcionamento e financiamento de ONGs. Ela substitui as penas de prisão por violar suas disposições por enormes multas.
- O governo da **Tanzânia** aprovou as chamadas Leis Escritas (Emendas Diversas) (No 3) de 2019, que apresentaram emendas a oito leis diferentes. As mudanças concedem ao Estado amplos poderes discricionários para suspender organizações não-governamentais e avaliar, investigar e suspender suas operações. A legislação exige que grupos da sociedade civil, incluindo grupos comunitários e de autoajuda, publiquem seus relatórios financeiros auditados anualmente na grande mídia, impondo um ônus de custo que pode levar à falência pequenas organizações de base. As autoridades também podem se recusar a registrar qualquer organização sem apresentar um motivo.
- **Burkina Faso** adotou uma lei que altera o Código Penal na qual restringe a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa e o direito à informação. Qualquer ato que vise ofender as forças de defesa e de segurança levará a sentenças de prisão e pesadas multas.
- No **Tajiquistão**, a nova Lei das Associações Públicas introduziu obrigações adicionais de relatórios para as ONGs, como enviar informações sobre suas receitas e despesas e manter um registro das atividades domésticas e internacionais por, pelo menos, cinco anos.
- Jornalistas continuam sendo alvo por suas reportagens no **Nepal**. Uma nova Lei de Tecnologia da Informação ameaça a liberdade de expressão nas mídias sociais e uma decisão do Conselho de Mídia tende limitar a liberdade de imprensa no país.
- O **Togo** modificou a lei que regula a liberdade de reunião e as condições sob as quais protestos podem ocorrer. As mudanças incluem restrições quanto à hora e local e limitam o número de protestos.
- A Lei de Partidos Políticos, Grupos e Movimentos na **República Dominicana** penaliza “comentários negativos” nas mídias sociais contra candidatos/as em campanhas políticas com uma sentença de prisão de até 10 anos. Além disso, a proposta de criação de um Observatório Eleitoral de Redes Sociais, a fim de identificar “fake news”, pode limitar o livre fluxo de informações.
- A Lei de Proteção contra Falsidades e Manipulação Online, em **Cingapura**, foi criada para “proteger os cingapurianos de notícias falsas e educá-los sobre os possíveis danos que isso pode causar – em particular incitando a desarmonia racial e religiosa”. O projeto de lei concede ao Estado poderes para corrigir o conteúdo on-line e ordenar que os provedores de serviços da Internet publiquem declarações sobre conteúdo “falso”.

O Dr. Anastácio Matavel, diretor de uma ONG, foi morto depois de participar de uma sessão de treinamento para observadores das eleições. Ele foi morto a tiros por um grupo de cinco homens quando saía da reunião; quatro dos cinco eram policiais. Em Bangladesh, dois jornalistas foram acusados, em janeiro, com base na Lei de Segurança Digital, após publicarem os resultados iniciais das eleições, que mostravam que o número de votos registrados em um distrito eleitoral era maior que o número total de eleitores registrados naquele distrito eleitoral. As autoridades de Bangladesh alegaram que os resultados iniciais estavam equivocados e que os jornalistas publicaram notícias “falsas” na tentativa de questionar a legitimidade da eleição.

Embora o descontentamento popular com a crise climática continue a aumentar, o vínculo entre o desenvolvimento sustentável e o trabalho de pessoas defensoras dos direitos à terra, ao meio ambiente e de povos indígenas ainda não é priorizado e protegido politicamente. Em sua declaração ao Conselho de Direitos Humanos, em setembro de 2019, Victoria Tauli-Corpuz, Relatora Especial sobre os direitos dos povos indígenas, informou que “atividades extrativistas nas terras e territórios dos povos indígenas, realizadas sem consulta ou consentimento adequados, são a principal fonte de sérias violações de seus direitos humanos, incluindo violência, criminalização e deslocamento forçado”.¹ O número de defensores e defensoras que estão sendo mortos/as a cada ano mostra-se extremamente alto. Em 2019, a Front Line Defenders registrou o assassinato de 304 pessoas defensoras de direitos humanos, 40% das quais trabalhavam em direitos à terra, direitos dos povos indígenas e direitos ambientais. Nas Filipinas, em agosto, a líder Lumad e defensora de direitos humanos

Leah Tumbalang foi morta a tiros na província de Bukidnon, assassinada por causa de sua campanha contra as atividades de mineração que começaram na área. Ela já havia recebido ameaças de morte e, de acordo com uma organização Lumad local, ela foi o 14º assassinato de pessoas defensoras de direitos de povos indígenas na província de Bukidnon nos primeiros oito meses de 2019.²

Os direitos à terra, ao meio ambiente e de povos indígenas continuaram sendo os setores mais perigosos da defesa dos direitos humanos devido à exploração lucrativa dos recursos naturais, combinada com corrupção desenfreada, governos fracos e pobreza sistêmica. Essa corrida pelo lucro e os modelos de desenvolvimento baseados na extração de recursos são extremamente míopes, conforme observado pelo Relator Especial sobre extrema pobreza e direitos humanos, Philip Alston, em um relatório de junho. Ele alertou que “no ritmo atual, a mudança climática dizimará a economia global. Segundo o IPCC, com 2°C de aquecimento, o mundo sofreria perdas socioeconômicas no valor de 13% do PIB global e US\$ 69 trilhões em danos. Considerando apenas o aumento da temperatura e não os eventos climáticos extremos associados, um estudo identificou que o aquecimento não mitigado deve reduzir a renda média global em aproximadamente 23% até 2100 e ampliar a desigualdade de renda.”³ A falta de estruturas regulatórias vinculantes a nível internacional é um fator que contribui para os riscos enfrentados por defensores e defensoras de direitos humanos, assim como a crença de que megaprojetos, mesmo com salvaguardas ambientais, são essenciais para o “desenvolvimento”, apesar de objeções das comunidades locais. As Instituições Financeiras de Desenvolvimento (DFIs, em inglês) também têm falhado em avaliar adequadamente os riscos de direitos humanos nos projetos que financiam e em responder de maneira eficaz e rápida quando surgem ameaças.⁴ As campanhas de difamação são amplamente utilizadas contra as pessoas defensoras de direitos humanos na tentativa de reduzir sua base de apoio, conquistar a opinião pública ou justificar processos de criminalização. Na Guatemala, integrantes da Associação Indígena Nuevo Dua Chorti (CCCDN) foram submetidos/as a numerosos ataques, intimidações e tentativas de dividir a comunidade, após serem retratados/as como aproveitadores/as de suas funções de liderança para obter ganhos pessoais. A CCCDN presta apoio às comunidades Maya Chorti cujo modo de vida está em risco devido à implantação de projetos hidrelétricos e de mineração em seus territórios. Na República Democrática do Congo, três pessoas defensoras de direitos humanos foram presas após protestos contra uma empresa de propriedade canadense que opera plantações de óleo de palma. Após as prisões, a empresa deu a entender que as pessoas defensoras foram detidas como resultado do “assalto a funcionários da empresa e do roubo da empresa.”⁵

À medida que as defensoras de direitos humanos ganhavam espaço em alguns países, o reacionismo populista patrocinado pelo Estado contra os direitos das mulheres continuou inabalável em muitos outros. Isso foi exemplificado pela oposição de grupos afiliados à igreja à adoção de uma lei de violência doméstica na Rússia e pela contínua impunidade de perpetradores de assédio e violência sexual, como no caso que provocou o movimento #MeToo (#EnaZeda) na Tunísia. Dada a influência global dos Estados Unidos, foi particularmente preocupante a criação de uma nova Comissão de Direitos Inalienáveis para aconselhar o Secretário de Estado e para “fornecer novas ideias sobre o discurso dos direitos humanos, nas áreas onde ele tenha se afastado dos princípios fundadores de nossa nação em termos de lei natural e direitos naturais.”⁶ A Comissão é presidida por um antiescolha oponente do casamento entre pessoas do mesmo sexo e faz parte de um esforço maior do governo Trump contra ganhos recentes nos direitos das mulheres e LGBTI+. Houve avanços feitos em outros lugares; o aborto na Irlanda do Norte foi descriminalizado após uma votação em Westminster, enquanto o novo presidente argentino, que assumiu o cargo em dezembro, prometeu legalizar o aborto no que seria um progresso significativo para os direitos das mulheres na região.

As campanhas online de desprestígio, trollagem e difamação continuaram sendo uma ocorrência diária para as defensoras de direitos humanos em todo o mundo, a fim de intimidar, envergonhar ou assediar e afastá-las do ativismo em direitos humanos e dos espaços online. Ainda assim, as defensoras de direitos humanos enfrentam vários riscos que nem sempre são visíveis na incidência pública e na documentação formal de ameaças. Os dados estatísticos extraídos em 2019 dos Apelos Urgentes da Front Line Defenders e do programa de Subvenções de Proteção são instrutivos a esse respeito. Embora as estatísticas dos Apelos Urgentes (página 9) sejam baseadas apenas em violações que defensoras e defensores quiseram tornar públicas para fins de incidência, as estatísticas do Programa de Subvenções (página 10) capturam todas as violações que levaram a um pedido de subvenção por um defensor ou defensora e, portanto, fornecem uma imagem mais completa da gama de riscos. Mesmo a violência sexual não sendo representada nas estatísticas públicas, 7% dos pedidos de subvenção de mulheres incluem denúncias de violência sexual ou assédio sexual. Embora pareça que defensores homens corram maior risco de ataques físicos, de acordo com dados da Front Line Defenders de 2019, as defensoras foram pelo menos tão propensas a sofrer ataques como os homens (23% a 22%). As mulheres também relataram estar mais propensas a serem submetidas a abusos verbais e vigilância.

A defesa dos direitos daqueles/as que estão à margem da sociedade continuou a ser uma atividade impopular e arriscada em 2019. Aqueles/as que **promoveram ou protegeram os direitos de migrantes** foram assediados/as, intimidados/as, presos/as e atacados/as, ao passo que a liderança política no assunto manteve-se insuficiente. Enquanto a Comissão

Europeia levou a Hungria ao Tribunal de Justiça da UE, em julho, em razão da criminalização do apoio a solicitantes de refúgio, em outubro o Parlamento Europeu votou contra uma resolução que levaria a UE a aumentar suas operações de busca e salvamento no Mediterrâneo. De 1 de janeiro a 23 de outubro de 2019, um dia antes da votação, a Organização Internacional para as Migrações informou que 1.080 pessoas haviam morrido enquanto tentavam fazer a travessia.⁷ Na Itália, em junho, a capitã do navio humanitário Sea Watch 3, Carola Rackete, foi detida por “ajudar a imigração ilegal e entrar em águas italianas”. Três dias depois, um juiz decidiu que a defensora não tinha violado a lei pois estava “cumprindo sua obrigação de salvar vidas” e estava respeitando o direito marítimo internacional. Dados da OIM mostram que a travessia do Mediterrâneo foi a “passagem de fronteira” mais letal para migrantes no mundo, com a fronteira EUA-México sendo a segunda mais letal em 2019. Uma pesquisa da Front Line Defenders revelou que defensores e defensoras de direitos humanos que protegeram famílias migrantes, refugiados/as, solicitantes de refúgio e outros/as ao longo de rotas de migração entre Honduras e os Estados Unidos enfrentaram graves ameaças de agentes estatais e não estatais (consulte a página 15).

Os vazamentos de documentos internos confidenciais do governo, no final de 2019, relativos às operações de campos de detenção na Região Autônoma Uigur de Xinjiang, na China, são a mais recente adição a um crescente conjunto de evidências credíveis trazidas à luz por pessoas defensoras de direitos humanos sobre o encarceramento arbitrário e massivo de, pelo menos, um milhão de integrantes de minorias predominantemente muçulmanas – principalmente os uigures, mas também cazaques, quirguízes e uzbeques. A campanha de Pequim contra as minorias muçulmanas é reforçada por um vasto aparato de vigilância física e digital na região, contando com tecnologia de inteligência artificial, coleta arbitrária de dados biométricos, designação de funcionários da etnia Han em casas de residentes muçulmanos e uma extensa rede de câmeras de vigilância e postos de checagem. As autoridades chinesas retaliaram contra uigures que vivem no exterior por se manifestarem sobre os campos, ameaçando seus familiares que estão na China. As autoridades do Cazaquistão e do Quirguistão também pressionaram defensores e defensoras de direitos humanos nesses países a encerrar suas campanhas pela libertação de seus compatriotas.

Aqueles/as que prestaram assistência humanitária, trabalhando como médicos/as ou concentrando-se no direito à saúde foram também alvo, indicando uma **crescente politização** dessas questões. Além das pessoas defensoras dos direitos de migrantes, defensores e defensoras de direitos humanos de todas as regiões do mundo foram atacados/as por tentar aliviar sofrimentos. No Paraguai, a defensora de direitos humanos Elisa Barrios e seu filho de 17 anos foram detidos por dois dias por ajudar vítimas de enchentes em um bairro marginalizado. Três pessoas defensoras do direito à saúde na China foram presas sob acusação de subversão em julho por causa de seu trabalho na promoção dos direitos das pessoas que vivem com HIV/AIDS, pacientes com hepatite B e portadores de deficiência e também por apoiarem vítimas de doenças ocupacionais e seus filhos. Os escritórios da Fundación Mavid, uma organização que defende os direitos das pessoas que vivem com HIV/AIDS na Venezuela, foram invadidos em fevereiro; medicamentos antirretrovirais e fórmulas lácteas foram confiscados e três funcionários/as foram detidos/as. Na Turquia, 11 integrantes do conselho da Associação Médica da Turquia foram condenados/as à prisão sob a acusação de “incitar o público ao ódio e à inimizade” em conexão com duas declarações públicas emitidas chamando a atenção para os efeitos negativos da guerra e conflito sobre a saúde pública. Uma tendência extremamente preocupante de atacar aqueles/as que combatem o vírus Ebola continuou na RDC. Nos primeiros 10 meses do ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) documentou mais de 300 ataques a centros de saúde no país, resultando em seis mortes.⁸ Em novembro, o trabalhador comunitário e jornalista Papy Mumbere Mahamba, que promovia a conscientização sobre o vírus na rádio comunitária, foi morto a tiros em sua casa. De acordo com o Programa de Emergências em Saúde da OMS, a nível global “a violência praticada deliberadamente contra profissionais de saúde e hospitais nunca foi tão severa.”⁹

Houve ganhos significativos para os direitos LGBTI+ em 2019, incluindo a descriminalização de atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo em Angola, Butão, Botsuana e Equador. Em Botsuana, a decisão inclui atividades do mesmo sexo para mulheres e, em Angola, o governo proibiu a discriminação com base na orientação sexual. Taiwan testemunhou um momento histórico em que a legislatura do país aprovou um projeto de lei para legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. À medida que os movimentos LGBTI+ continuaram a se fortalecer, as reações de agentes antidireitos, novos e já existentes, e grupos conservadores dobraram, aumentando o nível de sofisticação em suas táticas. Em maio, o Supremo Tribunal do Quênia manteve lei que criminaliza atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo, enquanto o governo afirmou que esta decisão é um “método eficaz para conter a epidemia de HIV no país.”¹⁰ O projeto de lei para proteger os direitos de pessoas transgênero, aprovado na Índia no início de Dezembro, é extremamente problemático, pois exige prova de cirurgia de reatribuição de gênero e permite ao Estado decidir sobre a avaliação final de uma solicitação para alterar o sexo legal.¹¹

Os dados do Programa de Subvenção para Proteção da Front Line Defenders confirmam as tendências gerais em relação às ameaças contínuas enfrentadas por defensores e defensoras de direitos LGBTI+. **Ativistas transexuais são especialmente vulneráveis** devido a sua maior visibilidade combinada com uma proteção limitada ou mesmo ausente.

Das ameaças relatadas por defensoras e defensores LGBTI+ que receberam apoio, 46% foram enfrentadas por defensores ou defensoras que se identificam como trans ou não binários/as. O projeto Monitoramento de Assassinatos Trans (TMM, em inglês) confirma um total de 331 casos de assassinatos de pessoas trans e de gênero diverso entre 1 de outubro de 2018 e 30 de setembro de 2019.¹² Em 7 de julho, a defensora de direitos humanos hondurenha Bessy Ferrera foi morta a tiros por homens não identificados. O assassinato de Bessy atesta o clima de extrema violência sob o qual as pessoas LGBTI+, e especialmente as pessoas defensoras dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras sexuais e trans, convivem.

Como consequência direta de represálias contra pessoas defensoras de direitos humanos e agitações sociais, países vizinhos considerados seguros ou menos perigosos enfrentaram **o êxodo de defensores e defensoras de direitos humanos** e suas famílias, ou serviram como um ponto de realocação. Como resultado da repressão sistemática na Nicarágua, dezenas de defensoras e defensores de direitos humanos e jornalistas fugiram do país, a maioria se mudando para a Costa Rica. Embora o país tenha se mostrado disposto a receber essa população, muitas pessoas defensoras de direitos humanos têm encontrado dificuldades para se adaptar e tiveram que interromper ou limitar seu trabalho de direitos humanos. A Tailândia era conhecida como uma opção mais segura para as pessoas defensoras de direitos humanos na região, no entanto, o país tornou-se cada vez mais perigoso devido à falta de reconhecimento legal dos direitos de pessoas refugiadas e solicitantes de refúgio, à vigilância e intimidação e ao retorno forçado ou desaparecimento de pessoas defensoras de direitos humanos e dissidentes políticos de países vizinhos. Em 6 de fevereiro, a Rede Pan-Africana de Pessoas Defensoras de Direitos Humanos lançou o programa Ubuntu Hub Cities, que oferece a defensores e defensoras em risco a opção de se realocar dentro da África subsaariana em vez de se mudar para locais distantes. As Diretrizes de Barcelona sobre Bem-Estar e Realocação Internacional Temporária de Pessoas Defensoras de Direitos Humanos em Risco foram desenvolvidas em conjunto por várias organizações para tratar da questão do bem-estar de defensores e defensoras de direitos humanos em processo de realocação.¹³

Pessoas defensoras de direitos humanos de grande notoriedade cumprindo longas sentenças de prisão continuaram a simbolizar como a própria ideia de direitos humanos é percebida como uma ameaça existencial a governantes corruptos e autocráticos. Nasrin Sotoudeh, iraniana defensora de direitos humanos e advogada de direitos humanos, recebeu uma nova sentença de 33 anos de prisão e 148 chibatadas em 11 de março. As sentenças longas são usadas como exemplo e advertência para outras pessoas defensoras de direitos humanos e para qualquer pessoa que defenda de maneira mais ampla os direitos humanos e lute por liberdades fundamentais. A sentença extraordinariamente dura no caso dela é um exemplo do impacto que defensores e defensoras de direitos humanos podem ter sobre as estruturas do poder opressivo.

PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS: AGENTES DE MUDANÇAS SOCIAIS

Apesar do difícil contexto em que defensores e defensoras de direitos humanos operaram em 2019, há muitos exemplos de desenvolvimentos positivos devido a seu trabalho na defesa dos direitos humanos:

- Após anos de defesa de direitos e protestos, grupos feministas **mexicanos** e defensoras de direitos humanos comemoraram a legalização do aborto no estado de Oaxaca, que se tornou o primeiro estado do país a descriminalizar o aborto desde a legalização na Cidade do México há 12 anos.
- O sistema de Tutela Masculina foi revogado em agosto na **Arábia Saudita**. A revogação da tutela masculina permitiu que várias defensoras de direitos humanos fugissem da Arábia Saudita e continuassem seu trabalho de direitos humanos em locais mais seguros.
- Na **Jordânia**, o Parlamento retirou o projeto de lei sobre crimes cibernéticos em fevereiro, após uma enorme pressão de ativistas de direitos humanos e organizações da sociedade civil. O projeto restringia a liberdade de expressão e o direito à privacidade.
- No **Sudão**, a Lei de Ordem Pública de 1996 foi revogada em novembro de 2019 pelo Governo de Transição do Sudão. A lei teve um impacto direto nas mulheres e nas defensoras de direitos humanos, que podiam ser presas se fossem encontradas dançando, vestindo calças ou se misturando com homens que não fossem seus parentes. As mulheres podiam ser punidas com açoites, multas e, em casos raros, apedrejamento e execução.
- No **Marrocos**, as mulheres da tribo Sulaliyat receberam o direito de herdar e possuir terras, depois de incansáveis campanhas da Associação Democrática para Mulheres Marroquinas (ADFM) e várias organizações da sociedade civil.
- No sul de **Madagascar**, nove integrantes de uma comunidade que resiste à criação da mina de ilmenita Base Toliara (uma subsidiária da empresa de mineração australiana Base Resources) se tornaram o rosto da resistência da comunidade. Após um protesto pacífico contra o projeto em abril, eles/as foram presos/as, acusados/as e posteriormente condenados/as por danos à propriedade – os quais não cometeram. No início de novembro, o governo suspendeu o projeto¹⁴ em resposta à resistência pacífica de pessoas defensoras de direitos humanos a níveis local e nacional, afirmando que os benefícios da mina proposta não eram claros. Essa iniciativa sem precedentes ajudou a legitimar os esforços de defensores e defensoras em chamar a atenção para o potencial impacto ambiental da mina em suas terras ancestrais.
- Defensores e defensoras de direitos LGBTI+ **russos/as** obtiveram visibilidade e apoio público, inclusive de organizações tradicionais de direitos humanos. Seus eventos atraíram muitos/as apoiadores/as e receberam uma cobertura substancial da mídia, apesar do fato de a proibição de “propaganda da homossexualidade” constituir uma ameaça que poderia ser aplicada a qualquer momento. Em um desenrolar inesperado, o Centro de Informação para população LGBT em Ecaterimburgo venceu vários processos judiciais relacionados a comentários homofóbicos nas redes sociais. Os tribunais concluíram que os comentários continham discursos de ódio e decidiram que deveriam ser excluídos ou os autores seriam multados.

COMO PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS SÃO ATACADAS PELO MUNDO

As estatísticas abaixo são derivadas do trabalho de casos da Front Line Defenders de 1 de janeiro a 18 de dezembro de 2019, com base em 895 violações relatadas. Elas não são exaustivas e representam apenas incidentes de violações relatados a Front Line Defenders nos quais o defensor ou a defensora quis que a organização conduzisse incidência pública em seu caso. Elas não incluem violações nas quais a pessoa defensora solicitou que seu caso não fosse tornado público ou onde outro apoio que não fosse incidência pública foi fornecido. Além disso, os incidentes de assassinatos foram removidos das estatísticas abaixo. Por favor, consulte as páginas 4-5 para obter informações sobre o assassinato de pessoas defensoras de direitos humanos.

Violações reportadas

Violações (excluindo assassinatos)

Prisão/Detenção	22%
Ação legal	20%
Ataque físico	13%
Ameaças	10%
Incurso/invasão de domicílio	6%
Desaparecimento	4%
Tortura/maus-tratos	3%
Inquirição/interrogatório	3%
Campanha de difamação	3%
Abuso verbal	2%
Proibição de viagem	1%
Violência sexual	<1%

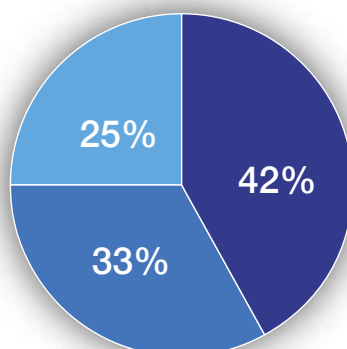
A tabela abaixo mostra a discriminação das violações por gênero, conforme relatado a Front Line Defenders para incidência pública em 2019. As porcentagens mostradas refletem as violações sofridas por defensoras e defensores de direitos humanos como uma proporção do número total de violações às quais cada grupo foi exposto. Elas sub-representam significativamente os casos de violência sexual, uma vez que raramente foi solicitada incidência pública nesses casos.

Violações reportadas por gênero

Violações relatadas por gênero (exceto assassinatos)	Defensoras	Defensores
Detenção/prisão	23%	29%
Ação legal	21%	24%
Ataque físico	11%	10%
Ameaças	9%	6%
Incurso/invasão de domicílio	5%	6%
Outras violações	5%	4%

Front Line Defenders emitiu 189 Apelos Urgentes em 2019 documentando essas violações. Em 58% dos Apelos, as pessoas defensoras de direitos humanos sofreram mais de uma violação:

1 violação	42%
2 violações	33%
3+ violações	25%



* Em 2019, a FLD emitiu Apelos Urgentes registrando 15 violações contra pessoas defensoras de direitos humanos transgênero e gênero-diversas. Destas, oito foram de ação legal, quatro de detenção/prisão, duas referentes a ameaças/campanha de difamação/abuso verbal e uma incursão/invasão de domicílio.

Violações mais comuns relatadas por região

Violação	África	Américas	Ásia	MENA*	ECA**
Detenção/prisão	16%	15%	10%	31%	7%
Ação legal	11%	12%	13%	17%	17%
Ameaças/campanha de difamação/abuso verbal	7%	25%	11%	3%	7%
Ataque físico	6%	12%	6%	15%	6%
Incursão/invasão de domicílio	35%	5%	5%	3%	7%

* MENA - Oriente Médio e Norte da África em inglês

** ECA - Europa e Ásia Central em inglês

No geral, detenção, prisão e/ou ação legal representaram 51% das violações contra pessoas defensoras de direitos humanos reportadas pela Front Line Defenders de 1 de janeiro a 18 de dezembro de 2019. Dos 189 Apelos Urgentes emitidos pela FLD, 33% envolveram mais de duas violações contra pessoas defensoras de direitos humanos e 25% envolveram mais de três violações. Isso confirma as tendências gerais da natureza cada vez mais complexa e sofisticada dos riscos que defensores e defensoras experimentam globalmente.

A Front Line Defenders possui um programa de Subvenções de Proteção, pelo qual as pessoas defensoras de direitos humanos podem solicitar um financiamento de até € 7.500 para necessidades de proteção. A Front Line Defenders registra dados sobre o tipo de violação que resultou no pedido de subsídio e, geralmente, há mais de uma violação. As cifras abaixo mostram em que porcentagem de subvenções foram registradas violações específicas.

Em 2019, a Front Line Defenders concedeu 626 subvenções de proteção (até 18 de dezembro) a defensores e defensoras de direitos humanos a título individual, totalizando 1.513.353 euros. Embora os dados dos casos ofereçam informações importantes sobre a escala e os tipos de ameaças que as pessoas defensoras de direitos humanos experimentam e a incidência resultante, os dados do programa de subvenções permitem um entendimento mais profundo da relação entre violações, mitigação e/ou seguimento de casos, além de informações mais detalhadas sobre pessoas defensoras de direitos humanos e suas necessidades. Por exemplo, os dados das subvenções mostram uma porcentagem mais alta de abuso verbal, ameaças, violência e assédio sexual sofridas pelas defensoras de direitos humanos comparado aos dados dos Apelos Urgentes, confirmando mais uma vez os relatos que a Front Line Defenders recebe das defensoras em campo e tendências globais gerais.

Violações reportadas em subvenções concedidas pela Front Line Defenders segmentadas por gênero

*Porcentagem de subsídio por grupo

Tipo de violação	Defensoras	Defensores
Ameaças	25%	22%
Vigilância	15%	10%
Ataque físico	10%	9%
Ação legal	5%	6%
Detenção/prisão	5%	14%
Campanha de difamação	5%	6%
Violência sexual/assédio sexual	7%	-

*Em 2019, a FLD concedeu 26 subvenções a pessoas defensoras transgênero e gênero-diversas. Destas, 16 envolveram detenção/prisão, 8 ataques físicos, 5 prisão/detenção e 5 envolveram outras formas de assédio.

Tipo de violações que levaram à solicitação de subvenção por região

Violação	África	Américas	Ásia	MENA	ECA
Ameaças	46%	64%	35%	35%	48%
Ataque físico	22%	36%	18%	13%	23%
Detenção/prisão	21%	22%	23%	22%	15%
Vigilância	19%	41%	14%	6%	25%
Ação legal	9%	14%	9%	5%	16%
Campanha de difamação	8%	16%	3%	4%	24%
Violência sexual/assédio sexual	1%	3%	3%	5%	2%

AS MUDANÇAS DE PODER POLÍTICO EM VÁRIOS PAÍSES DA ÁFRICA EM 2018 RARAMENTE LEVARAM A MELHORIAS EM 2019. Na Nigéria, as promessas de reforma e prestação de contas que encabeçaram as eleições presidenciais foram rapidamente esquecidas; as pessoas defensoras de direitos humanos relataram que o ambiente on-line se tornou mais repressivo, à medida que o governo monitorava e censurava a atividade de defensores e defensoras nas mídias sociais, blogs e jornais on-line. Da mesma forma, na RDC, as pessoas defensoras de direitos humanos testemunharam as promessas de campanha do novo presidente darem lugar a velhos hábitos de repressão à liberdade de expressão e reunião. Defensoras e defensores continuaram sendo presos/as por protestos pacíficos e mantidos/as detidos/as por curtos períodos ou seguiram detidos/as arbitrariamente. O ano foi particularmente brutal para defensores e defensoras de direitos humanos no Zimbábue, onde a administração de Emmerson Mnangagwa marcou um retorno ao medo da era de Mugabe por meio de violência policial generalizada, ataques físicos e intimidação cotidiana.

Os desenvolvimentos positivos na Etiópia foram um destaque após anos de repressão e em contraste à tendência geral da região. Desde que assumiu o poder em 2018, o primeiro-ministro Abiy Ahmed sancionou reformas que mudaram drasticamente o ambiente para a sociedade civil no país. Ele condenou publicamente os abusos de direitos humanos do passado e nomeou ex-dissidentes e um grande número de mulheres para cargos importantes no governo. Um acordo de paz com a Eritreia lhe rendeu o Prêmio Nobel da Paz de 2019. Evidências tangíveis da abertura foram o lançamento da Coalizão Etíope de Defensores de Direitos Humanos e a substituição da severamente restritiva Lei Proclamação de Instituições Benéficas e Sociedades. Apesar dessas mudanças positivas, a situação no país permaneceu delicada. Isso foi evidenciado pelos eventos ocorridos em outubro, quando a violência eclodiu em Addis Abeba e em grande parte da região de Oromia. O ativista Jawar Mohammed acusou as forças de segurança de tentarem orquestrar um ataque contra ele. A alegação foi negada e, durante um período de dois dias, violência com bases étnicas e religiosas eclodiu na região de Oromia e levou à morte de 86 pessoas.

Ataques físicos e ameaças de morte continuaram sendo ferramentas comuns usadas contra defensores e defensoras de direitos humanos em incidentes que raramente foram investigados. O caso do defensor do Malawi, Timothy Mtambo, é instrutivo sobre como ameaças podem escalar rapidamente a ataques mais perigosos; em agosto, um conselheiro distrital do partido no poder divulgou um vídeo on-line no qual prometeu matar o defensor de direitos humanos se ele não cessasse de organizar protestos contra a suposta má condução das eleições nacionais realizadas em maio. Alguns meses depois,

ESTUDO DE CASO **HIPERINFLAÇÃO E REPRESSÃO NO ZIMBABUÉ**

Uma crise econômica profunda e corrupção no Zimbábue levaram a protestos generalizados e subsequente repressão contra pessoas defensoras de direitos humanos e grupos da sociedade civil em 2019. As promessas iniciais de reforma, emprego e prosperidade rapidamente se mostraram ilusórias e o novo governo não conseguiu lidar com a corrupção e violações de direitos humanos. Um governo cada vez mais inseguro, que chegou ao poder em uma eleição disputada, recorreu à repressão de manifestantes pacíficos e ao uso excessivo da força, já que o Estado acusou os/as participantes dos protestos de se aliarem à oposição política para derrubar um governo eleito constitucionalmente. Entre julho e setembro, foram registrados pelo menos 50 casos de sequestro de ativistas, tendo como alvos lideranças defensoras de direitos humanos, sindicalistas e partidos da oposição. Todos/as relataram interrogatórios hostis por seus sequestradores e, em alguns casos, tortura. A escala desses sequestros gerou medo entre defensores e defensoras de direitos humanos que trabalham no Zimbábue. Mais de uma dúzia de pessoas foram mortas em 2019 por disparos de munição letal por parte das forças de segurança contra manifestantes. Como resultado da instabilidade contínua e do Estado de Direito instável, os investimentos previstos não se concretizaram. A escassez de dinheiro tornou-se aparente e foi seguida pela escassez de combustível, o que levou a mais descontentamentos e protestos da população.

Em junho, o governo aboliu o sistema multimooeda que precariamente mantinha a economia de pé, resultando em hiperinflação. Como resultado, o trabalho de defensores e defensoras de direitos humanos tornou-se muito mais desafiador. O governo procurou impor controles mais rígidos sobre a escassez de moeda estrangeira, o que significa que o governo está examinando os fluxos de caixa das ONGs muito mais de perto, a fim de acusá-las de financiar mudanças de regime ou de transferir fundos para fora do país. Isso também pode ser visto como uma tática de retaliação contra os governos ocidentais que financiam a maior parte do trabalho das pessoas defensoras de direitos humanos e que impuseram sanções aos integrantes do partido no poder, Zanu PF. Apesar da deterioração da situação e dos riscos envolvidos, agentes da sociedade civil responderam com ondas de protestos contra o desgoverno, com professores, sindicatos e médicos/as todos/as participando em greves gerais.

em outubro, homens armados abriram fogo contra o defensor, tentando matá-lo. Em Moçambique, trabalhar em assuntos de governança e prestação de contas foi particularmente arriscado. Isso foi evidenciado pelas ameaças de morte recebidas pela defensora de direitos humanos Denise Namburete, de N’weti, e pela morte de um dos principais observadores eleitorais, Dr. Anastácio Matavel, oito dias antes da eleição. A situação em Moçambique foi exacerbada pelo fracasso estatal em proteger defensores e defensoras de direitos humanos e cidadãos/as em meio a uma situação econômica deteriorante e à exploração incontrolável de recursos naturais por estrangeiros e agentes locais com conexões políticas. A Guiné enfrentou protestos em massa que começaram em 14 de outubro, quando manifestantes saíram às ruas para se opor a uma emenda à Constituição que permitiria ao presidente Alpha Conde concorrer a um terceiro mandato. As forças de segurança não cumpriram com padrões internacionais sobre o uso da força ao policiar manifestações e mataram pelo menos nove pessoas e feriram dezenas de manifestantes. Há preocupações crescentes de que a situação na Guiné possa se deteriorar antes das eleições presidenciais de outubro de 2020.

Pessoas defensoras de direitos humanos com influência para mobilizar manifestações pacíficas foram particularmente atacadas, apontando para uma insegurança política profundamente enraizada e destacando a velocidade e a ousadia com que as forças de segurança recorrem à violência. Em Uganda, a defensora de direitos humanos Nana Mwafrika Mbarikiwa sofreu um terrível ataque por policiais após de tentar obter permissão para organizar um protesto pacífico contra a brutalidade policial. A defensora, que estava grávida de sete meses na época, foi espancada até perder a consciência; alguns meses depois, ela foi violentamente presa em um protesto pacífico e lhe foi negada temporariamente a medicação necessária devido ao espancamento de abril. No Zimbábue, 17 manifestantes foram mortos/as em janeiro quando protestaram contra o aumento dos preços dos combustíveis, enquanto dezenas de outros/as foram severamente agredidos/as. No Malawi, lideranças da Coalizão de Defensores de Direitos Humanos foram atacadas com armas, bombas de gasolina e agressões físicas enquanto lideravam protestos.

Defensores e defensoras de direitos humanos que trabalham em zonas de conflito armado se veem entre grupos armados não estatais e forças de segurança ou forças do Estado. As pessoas defensoras desempenham um papel crucial no monitoramento das violações de direitos humanos e são frequentemente uma das únicas fontes de informações objetivas, pois se esforçam para informar sobre áreas remotas que não estão bem conectadas ou de onde as organizações internacionais foram expulsas. Em Burkina Faso, Camarões e norte da Nigéria, defensores e defensoras de direitos humanos trabalham sob intensa pressão e sob grande risco pessoal para promover os direitos humanos em contextos de conflitos armados. O aumento de ataques terroristas no norte de Burkina Faso, nos últimos três anos, minou o trabalho de pessoas defensoras e ONGs, particularmente o estabelecimento de um mecanismo de implementação para a proteção de pessoas defensoras de direitos humanos, conforme previsto na lei de proteção às pessoas defensoras de direitos humanos, adotada em junho 2017.

Pessoas defensoras de direitos humanos estão sujeitas a restrições à liberdade de expressão e as autoridades frequentemente invocam a “segurança” como justificativa para proibir todas as manifestações pacíficas. Em Camarões, defensores e defensoras de direitos humanos relataram abusos cometidos por forças do governo e grupos separatistas e destacaram a incapacidade do governo de prover segurança e apoio a sua população. Como resultado, pessoas defensoras de direitos humanos foram alvo de assédio judicial, acusações falsas e vigilância física; por vezes, foi quase impossível para elas realizarem seu trabalho devido ao contexto instável e à natureza das ameaças que receberam. Em Moçambique, o jornalista Amade Abubacar foi preso sem mandado em janeiro, quando estava entrevistando pessoas que haviam fugido de suas casas devido à intensificação dos ataques realizados por membros de um grupo extremista. Amade ficou detido sem julgamento por quase 100 dias, incluindo 12 dias incomunicável em detenção militar. Embora libertado provisoriamente desde abril, Amade ainda enfrenta acusações de crimes de “incitação pública” e “agressão a funcionários públicos”.

Ao relatar abusos estatais contra cidadãos/ãs ou representar legalmente as pessoas afetadas, defensores e defensoras de direitos humanos foram frequentemente criminalizados/as e rotineiramente sujeitos/as a tentativas de deslegitimação. Na Tanzânia, advogados/as e jornalistas estavam entre os alvos. As Emendas Diversas à Lei dos Advogados de 30 de setembro de 2019 restringiram a advocacia a representar o governo ou pessoas privadas, mas não os dois, criando uma narrativa que rotula advogados/as que optam por representar as pessoas privadas como “antigoverno”. Advogados/as e jornalistas foram acusados/as de lavagem de dinheiro em cinco casos, o que implica uma pena obrigatória de três a cinco anos de prisão, como evidenciado no caso do jornalista Erick Kabendera. A advogada de direitos humanos e ex-presidente da Sociedade de Direito Tanganyika, Fatma Karume, foi impedida de exercer sua profissão na Tanzânia continental e restringida a sua região natal, Zanzibar, depois de contestar a nomeação do procurador-geral Dr. Adelardus Kilangi como inconstitucional. Essas ações do governo da Tanzânia levaram à autocensura de jornalistas e à relutância de advogados/as em aceitar casos de pessoas defensoras de direitos humanos.

As pessoas defensoras de direitos humanos na região foram frequentemente difamadas por apresentar uma imagem ruim do Estado à comunidade internacional. Isso assume outra dimensão para as defensoras, que são ainda mais difamadas

e deslegitimadas por funcionários do governo, grupos armados e trolls anônimos on-line. Em agosto, a defensora de direitos humanos Mbolatiana Raveloarimsa de Madagascar recebeu ameaças sexuais no Twitter e foi chamada de “vagabunda” após publicação de uma carta aberta antes da visita do Papa, na qual destacou questões que enfrentam cidadãos/as comuns de Madagascar, em especial a pobreza extrema e falta de boa governabilidade. No norte da Nigéria, as defensoras de direitos humanos enfrentaram assédio por seu trabalho na forma de campanhas de difamação, ataques físicos e exclusão cultural. Uma defensora vivenciou isso várias vezes ao longo de sua carreira. Enquanto se preparava para casar no ano passado, integrantes da comunidade tentaram convencer seu parceiro a não se casar, insistindo que mulheres como ela não ficam casadas por muito tempo. Esse esforço em punir defensoras por seu trabalho público influenciando suas vidas privadas é uma tendência comum na região, que destaca a natureza complexa das ameaças e intimidações contra as defensoras de direitos humanos.

Em Camarões, na RDC, na Guiné, em Madagascar e em Serra Leoa, defensores e defensoras de direitos humanos que trabalham no contexto de projetos extrativos enfrentaram uma infinidade de intimidações, ameaças e ataques, incluindo prisão, assédio judicial e até morte. Grandes áreas de terra na África subsaariana são mantidas sob posse consuetudinária, com uma parcela significativa da propriedade consuetudinária da terra não sendo reconhecida pelas estruturas legais do Estado.¹⁵ As pessoas defensoras de direitos humanos trabalham com as comunidades para identificar e demarcar suas fronteiras terrestres, apoiá-las nas negociações com as empresas e monitorar as atividades e invasões de empresas. No leste da RDC, as comunidades que vivem em torno de concessões agrícolas para plantações de extração de óleo de palma enfrentam assédio judicial e intimidação policial por denunciar a apropriação de terras pela empresa PHC-Feronia (a Plantations et Huileries du Congo é uma subsidiária da empresa canadense Feronia). Muitos anos de conflito nas áreas de concessão chegaram ao ápice no ano passado, quando um integrante de uma organização local, Joël Imbangola, foi espancado até a morte por um homem identificado como como guarda de segurança empregado na empresa.¹⁶

Os riscos enfrentados por defensores e defensoras LGBTI+ na região permaneceram graves, mas as organizações e pessoas que trabalham com esses direitos mostraram grande determinação, apesar dos ataques. As pessoas defensoras de direitos humanos obtiveram uma vitória histórica em Botsuana com a descriminalização da homossexualidade pela Corte Suprema, ao que o juiz Michael Leburu declarou: “a dignidade humana é prejudicada quando grupos minoritários são marginalizados”. Angola também descriminalizou a homossexualidade em janeiro e proibiu a discriminação com base na orientação sexual. No Quênia, no entanto, o Supremo Tribunal manteve a proibição do sexo gay em maio. Na Tanzânia, pessoas defensoras de direitos humanos foram forçadas a realocar escritórios e abrigos comunitários depois de terem sido despejadas ou solicitadas pelas autoridades a se mudarem “para sua própria segurança”. Em Uganda, um integrante do parlamento ameaçou reintroduzir o infame projeto “Mate os Gays” em outubro. Apesar das retrações do governo, a potencial reintrodução do projeto, que estabelece pena de morte como punição para a homossexualidade, leva medo à comunidade e incita a violência homofóbica. No mesmo mês, uma multidão atacou os escritórios e o abrigo da Let's Walk Uganda; enquanto os agressores tentavam entrar nas instalações, entoavam insultos homofóbicos. Dezesseis defensores e defensoras de direitos humanos que estavam no abrigo chamaram a polícia, que os/as levou sob custódia para protegê-los/as da multidão. No entanto, no dia seguinte, essas pessoas defensoras de direitos humanos foram acusadas de sodomia e tráfico de pessoas após a polícia encontrar preservativos no abrigo. Refugiados/as LGBTI+ no Quênia também foram alvo; ao longo do ano, houve vários relatos de perseguição geral e homofobia contra refugiados/as LGBTI+ de Uganda e outros países da África que residem no campo de refugiados de Kakuma.

Houve desenvolvimentos positivos na região em relação aos panoramas legais para a proteção de pessoas defensoras de direitos humanos, o que é parte essencial de uma estratégia mais ampla para garantir o reconhecimento e a proteção de defensores e defensoras de direitos humanos e seu trabalho a nível nacional. Tais estruturas continuaram avançando na África Ocidental e, em 2019, Togo se juntou à lista de países que adotaram ou que estão trabalhando para adotar leis e mecanismos de implementação para a proteção de defensores e defensoras de direitos humanos, a qual inclui Burkina Faso, Costa do Marfim, Guiné, Mali e Níger. As pessoas defensoras de direitos humanos relataram que essas leis, embora às vezes não cumpridas, contribuíram positivamente para sua segurança, pois proporcionam reconhecimento legal ao trabalho de defensores e defensoras.

REDES DE DEFENSORES E DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS

O fracasso contínuo dos governos em fornecer proteção a pessoas defensoras de direitos humanos levou à criação e ao fortalecimento de redes de defensores e defensoras na África Oriental e Meridional. Os governos da região são a maior ameaça à segurança de defensores e defensoras de direitos humanos, ou trabalham em conluio com agentes não estatais para colocar em risco essa população. As instituições nacionais de direitos humanos geralmente não têm poderes para ajudar as pessoas defensoras de direitos humanos em razão de subfinanciamento deliberado pelos Estados ou por leis que não lhes permitem fornecer proteção a defensores e defensoras de direitos humanos. A responsabilidade por sua proteção invariavelmente recai sobre as próprias pessoas defensoras de direitos humanos. Na África Oriental, o estabelecimento de redes se enraizou rapidamente e existem coalizões no Quênia, Tanzânia, Uganda, Somália e Sudão do Sul. A coalizão etíope foi lançada no início de dezembro de 2019.

Na África Meridional, as coalizões são relativamente novas, mas já fornecem um apoio importante a defensores e defensoras de direitos humanos por meio de proteção e capacitação. Novas coalizões estão agora presentes em Zâmbia e Malawi e as pessoas defensoras de direitos humanos em Moçambique e Lesoto começaram suas próprias redes também.

Apoio crítico a defensores e defensoras de direitos humanos também foi fornecido através das redes sub-regionais. A Rede de Defensores de Direitos Humanos da África Oriental e do Chifre da África (DefendDefenders) é líder no fornecimento de proteção regional a defensores e defensoras de direitos humanos e no desenvolvimento de capacidades de coalizões nacionais. A Rede de Defensores de Direitos Humanos da África Meridional está rapidamente se tornando uma força vital para as pessoas defensoras de direitos humanos na sub-região. Em um nível mais continental, a Rede Pan-Africana de Direitos Humanos se tornou um forte agrupamento, particularmente com o fortalecimento de seu programa Ubuntu Hub Cities para pessoas defensoras de direitos humanos. A Front Line Defenders continua a trabalhar em estreita colaboração com essas coalizões.

Américas

EM 2019, AS AMÉRICAS FORAM CONVULSIONADAS POR VÁRIAS CRISES POLÍTICAS, SOCIOECONÔMICAS E AMBIENTAIS, QUE SURTIRAM DAS FALHAS DAS ESCOLHAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS FEITAS PELOS GOVERNOS ATUAIS E PASSADOS. O modelo neoliberal extrativista predominante que priorizou os interesses de investidores externos e elites domésticas alimentou a corrupção e falhou em desenvolver crescimento econômico sustentável para a maioria da população. O continente testemunhou o aumento da privatização dos serviços públicos básicos, a “flexibilização” da legislação ambiental e de direitos trabalhistas, a criação de nova legislação para minar o ativismo em direitos humanos e o desmantelamento de políticas destinadas a combater a desigualdade. A demonização da agenda de direitos das mulheres e a intensificação dos discursos fundamentalistas em todos os setores, incluindo políticos de alto nível, foram evidentes em quase todos os países da região.

Uma combinação de eleições importantes e o início de novos mandatos deram impulso a grande parte da revolta, enquanto alguns países enfrentaram impasses políticos. Foram realizadas eleições gerais e locais polarizadas na Argentina, Bolívia, Colômbia, El Salvador, Guatemala e Uruguai, enquanto novos mandatos presidenciais começaram no Brasil, El Salvador, México e Venezuela. Além disso, crises políticas de anos anteriores se estenderam em 2019 na Argentina, Brasil, Chile, Equador, Guatemala, Honduras e Nicarágua. O Peru viu uma mudança abrupta de presidente como resultado de investigações sobre corrupção, enquanto protestos em massa eclodiram no Chile, Colômbia e Equador. Após acusações de manipulação nas eleições, a Bolívia testemunhou uma violenta mudança de governo. Em Honduras, os protestos antigoverno exigiram a remoção do presidente após o anúncio de decretos executivos e legislativos que poderiam levar à privatização da educação e da saúde; essas demandas foram renovadas posteriormente com a condenação do irmão do presidente por acusações de tráfico de drogas nos EUA. Na Venezuela, um ano de protestos de rua, contraprotostos e instabilidade política sobre a legitimidade do segundo mandato do presidente Maduro e seu oponente Juan Guaido não levou ao fim da crise política, enquanto mais pessoas fugiram do país e as que permaneceram sofreram com escassez de alimentos, medicamentos, eletricidade e combustível. Em Cuba, uma nova Constituição entrou em vigor em abril e várias mudanças estão em andamento na ilha desde a passagem da liderança dos Castros; no entanto, as liberdades fundamentais permanecem ilusórias.

Em outubro e novembro houve uma onda de manifestações, que foram recebidas com brutalidade policial, sérias limitações, ataques à liberdade de associação e liberdade de expressão e a imposição de estados de emergência na Bolívia, Chile, Colômbia e Equador. Embora o gatilho de cada movimento de protesto tenha variado – as eleições contestadas na Bolívia, aumento no custo do transporte público no Chile, corrupção na Colômbia e cortes nos subsídios aos combustíveis no Equador – grande parte da população se engajou nas mobilizações. Durante 2019, estados de exceção/emergência de fato, parciais ou completos também foram declarados na Guatemala, Nicarágua e Honduras.

Ataques a jornalistas e àqueles/as que documentavam e denunciavam violações de direitos humanos foram comuns, bem como a perseguição àqueles/as que foram considerados/as responsáveis por organizar ou ter um papel de liderança durante os protestos. Na Guatemala, o presidente Jimmy Morales declarou publicamente que grupos criminosos agiram “em colaboração com pseudodefensores de direitos humanos e pseudocamponeses” nos violentos eventos que levaram o governo a declarar estado de emergência, enquanto o presidente do Chile declarou que o país estava “enfrentando uma guerra contra um inimigo implacável”, em vez de reconhecer que se tratava de fato de uma sociedade civil auto-organizada, cansada de anos de declínio na chamada “economia mais forte da região.”¹⁷

Nos Estados Unidos, a violência política e extremista continuou sendo uma tendência preocupante, com tiroteios em massa, uso excessivo da força pelas forças de segurança e polícia e crimes de ódio ocorrendo em todo o país. Paralelamente, o país testemunhou movimentos de protesto persistentes e diversos, com defensores e defensoras de todas as origens, gêneros e idades, liderando pedidos de justiça política, racial, social e ambiental.

Conflitos futuros parecem inevitáveis, pois os governos da região, independentemente da persuasão política, continuaram a abraçar projetos de megadesenvolvimento e a conceder grandes concessões a empresas transnacionais, a fim de garantir tais projetos. Esse modelo econômico permanece dominante na Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guatemala, Honduras, México e Peru. No México, a promessa do presidente Lopez Obrador de combater a pobreza implica investir em projetos extrativos, enquanto defensores e defensoras de direitos humanos que se opõem a eles enfrentam enormes riscos devido aos interesses corporativos de alto escalão e aos lucros potenciais envolvidos. Isso foi exemplificado pelo caso do defensor ambiental Samir Flores, que foi morto no estado de Morelos após liderar a oposição a uma usina termelétrica e oleoduto por temor de que poderiam contaminar as fontes de água. O assassinato ocorreu três dias antes de um referendo proposto pelo presidente sobre se a usina deveria ir adiante. O presidente se opôs à usina antes de assumir o cargo. Na

Colômbia, o clima piorou ainda mais em 2019 com a instabilidade dos Acordos de Paz, as eleições locais e o anúncio do retorno de alguns ex-membros de grupo armado da oposição às armas.

Enquanto imagens da Amazônia em chamas provocaram muita retórica sobre a crise climática por parte das lideranças mundiais, as respostas tangíveis dos governos ao trabalho de pessoas defensoras de direitos à terra, ao meio ambiente e de povos indígenas foram indicativas de sua real intenção. Como em todos os anos anteriores para os quais a Front Line Defenders possui dados das Américas, a grande maioria de defensores e defensoras de direitos humanos mortos/as foram os/as que trabalhavam com esses direitos. Eles/as também foram mais propensos/as a enfrentar processos judiciais injustos ou forjados, que frequentemente são prolongados e dispendiosos, minando o tempo, os recursos e a energia das comunidades. Em vez de essas pessoas defensoras receberem melhor proteção, no contexto da preocupação global com as mudanças climáticas, as autoridades continuam a atacá-las.¹⁸ Quando o Brasil atraiu brevemente a atenção do mundo enquanto a Amazônia queimava, o presidente Bolsonaro atribuiu o fogo às pessoas defensoras dos direitos ambientais e às ONGs,¹⁹ que estariam tentando prejudicar a reputação de seu governo o que levou à criminalização e prisão de quatro ativistas que combatiam o fogo em Alter do Chão, no estado do Pará.²⁰ O alvo de Bolsonaro a seções da população envolvidas na defesa de direitos é estratégico, deliberado e remonta o seu tempo como deputado federal, quando declarou que queria o MST, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, designado como organização terrorista. O assassinato de Luis Ferreira da Costa em Valinhos, em julho, membro de um campo do MST nos arredores de São Paulo, foi uma exemplo trágico das possíveis consequências dessa abordagem. O defensor foi morto durante um protesto em que manifestantes distribuíram sementes, flores e alimentos enquanto pediam água às autoridades municipais.

O caso de Guapinol em Honduras tornou-se emblemático, pois foi o primeiro caso de pessoas defensoras de direitos ambientais levadas à jurisdição nacional, onde são processados crimes como terrorismo e tráfico de drogas. Os defensores e as defensoras de direitos humanos decidiram se apresentar voluntariamente em 22 de fevereiro e foram acusados/as de crimes de “privação injusta de liberdade, incêndio agravado, associação ilegal e roubo”. Embora tenham sido liberados/as, a mensagem recebida pelas organizações de direitos humanos e movimentos sociais foi de que defensores e defensoras do meio ambiente podem enfrentar acusações criminais por seu trabalho. Nove pessoas defensoras de direitos humanos ainda permanecem em prisão preventiva por defenderem os rios San Pedro e Guapinol; elas permanecem presas até a próxima audiência, o que pode levar até um ano. Como nos anos anteriores, os interesses privados continuaram exercendo seu poder, frequentemente em conluio com autoridades locais e nacionais e, em muitos casos, com grupos do crime organizado. Em El Salvador, membros de gangues costumam estar alinhados com autoridades estatais e empresas privadas, que os contratam para intimidar e atacar pessoas defensoras de direitos humanos. As gangues geralmente controlam territórios inteiros, cobrando taxas aos grupos de direitos humanos para entrar nas comunidades ou negando-lhes completamente o acesso.

A impunidade continua sendo a norma na região quando ocorrem assassinatos, incluindo casos de grande repercussão que atraíram atenção e reprovação internacional. Em dezembro, sete homens foram considerados culpados pelo assassinato da defensora ambiental Berta Cáceres, em 2016. Entre os culpados estavam homens identificados como funcionários da empresa Desarrollos Energéticos S.A. e um membro do Exército de Honduras. A Corte afirmou que o trabalho de Berta na defesa do rio Gualcarque e dos direitos do povo Lenca foi a razão pela qual ela foi morta. A família de Berta continua demandando que executivos da empresa e funcionários do Estado identificados no julgamento também sejam processados. No Brasil, enquanto dois suspeitos foram detidos no início do ano e estão em processo judicial como possíveis autores materiais do assassinato de Marielle Franco, até agora a investigação não determinou um motivo nem os responsáveis pelo assassinato.

RELATÓRIO DA FRONT LINE DEFENDERS SOBRE DIREITOS DE MIGRANTES

Em um relatório divulgado em setembro, a Front Line Defenders e os seus parceiros regionais PRAMI-IBERO e RedTDT documentaram dezenas de casos de perseguição de pessoas defensoras dos direitos de migrantes nas fronteiras e ao longo das rotas de migração.²¹ Nos Estados Unidos, México e Guatemala, pessoas defensoras foram presas, agredidas e julgadas pelo fornecimento de ajuda humanitária, incluindo distribuição de alimentos, água e suprimentos médicos e operação de abrigos de emergência para famílias migrantes. No México e nos EUA, prisões e interrogatórios de defensores e defensoras que ajudam solicitantes de refúgio demonstraram a criminalização de todas as formas de imigração, incluindo aquelas que seguem os processos legais existentes. Essa repressão afeta desproporcionalmente ativistas que são eles/as próprios/as migrantes ou não que possuem documentação, assim como mulheres e ativistas LGBTI+. O relatório também descobriu que as políticas de imigração do México e dos EUA estão exacerbando ameaças de grupos criminosos organizados contra defensores e defensoras de direitos humanos. Por exemplo, defensores e defensoras de direitos humanos que trabalham na fronteira México-EUA relataram um aumento de ameaças e intimidações de grupos criminosos – que os/as veem como obstáculos aos lucros do tráfico.

Em 11 de junho, 56 defensores e defensoras de direitos humanos e presos/as políticos/as detidos/as injustamente, mantidos/as pelo governo Ortega na Nicarágua, foram libertados/as. Medardo Mairena, Irlanda Jerez, Ricardo Baltodano e Amaya Eva Coppens, entre outras pessoas, receberam “anistias” com a aplicação de uma polêmica lei de anistia geral que foi adotada em 8 de junho. A lei também pode ser usada para garantir proteção às forças de segurança, grupos paramilitares e autoridades responsáveis por graves violações de direitos humanos durante a crise. Em 14 de novembro, Amaya Eva Coppens foi detida arbitrariamente mais uma vez com outros/as 12 ativistas e defensores e defensoras de direitos humanos, enquanto prestavam assistência humanitária a um grupo de mães de presos/as políticos/as em Masaya, Nicarágua.

A música feminista viral do Chile “Um violador em seu caminho/Un violador en tu camino”, do coletivo feminista Las Tesis, foi um símbolo do poder que as defensoras de direitos humanos têm como força de liderança na região. As defensoras desempenharam um papel central na convocatória de protestos contra a repressão e a favor dos direitos coletivos, liderando esforços para libertar pessoas defensoras criminalizadas, promovendo esforços regionais de solidariedade e gerando estratégias de proteção novas e criativas em contextos de conflito social e aumento da violência de gênero. Isso acabou levando a um aumento da perseguição a defensoras de direitos humanos, professores/as, acadêmicos/as e a uma maior criminalização de pautas relacionadas a direitos das mulheres devido a forças políticas conservadoras, muitas vezes alinhadas ou apoiadas por instituições religiosas. No Brasil, diplomatas foram oficialmente instruídos a considerar a palavra “gênero” como se referindo apenas ao sexo biológico (feminino ou masculino) durante as negociações internacionais. No México, um senador apresentou uma iniciativa para modificar a lei e permitir a colaboração entre a igreja e o Estado, sinalizando assim que o Estado não seria mais considerado secular, o que poderia levar a maior deterioração dos direitos das mulheres.

Muitos ataques contra defensoras indicaram um nível de hostilidade cruel. Dilma Ferreira da Silva, que, por mais de três décadas, lutou pelos direitos de 32.000 pessoas deslocadas pelo projeto da hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins, na Amazônia brasileira, foi morta em março, com aparentes sinais de tortura – ela também teve sua garganta cortada. Várias defensoras de direitos humanos publicamente atuantes em El Salvador, incluindo Mariana Belloso, Bessy Ríos e Karen Fernandez, enfrentaram campanhas de difamação, ameaças sexuais, ameaças de morte e assédio online depois de expressarem preocupações sobre novas políticas do governo. Elas foram insultadas publicamente por figuras intimamente associadas ao presidente ou ao seu gabinete. A natureza de gênero inerente aos ataques, inclusive nos espaços on-line, se torna ainda mais visível quando os direitos pelos quais as defensoras estão lutando são ideologicamente contestados na sociedade ou no governo. Ataques envolvendo violência sexual e difamação misógina contra defensoras de direitos humanos e organizações que defendem os direitos reprodutivos, bem como os direitos LGBTI+, e são contra a violência sexual comuns na Argentina, Brasil, Chile, El Salvador, Guatemala, México e Nicarágua.

As defensoras de direitos humanos também foram sujeitas a violações dentro do próprio movimento de direitos humanos em casos que foram divulgados publicamente em alguns países da região. As defensoras no México lideraram o caminho ao lançar uma versão do movimento #MeToo que incluía pelo menos 52 casos em que o suposto agressor era ativista. Isso teve um impacto na dinâmica dentro das organizações – particularmente na capital do país –, pois algumas abriram processos para investigar os casos, criaram protocolos antiassédio ou foram submetidas a escrutínio público por não responderem a pedidos de investigações. Em Honduras, as defensoras expuseram a violência sexual praticada por seus colegas e criticaram o silêncio resultante por causa da pressão para não “prejudicar a causa”. Esse motivo foi apresentado em vários países para defender a falta de ação quando as violações foram trazidas à tona.

Os defensores e defensoras que trabalham com direitos LGBTI+ estiveram entre os/as mais em risco nas Américas; enquanto pessoas defensoras dos direitos à terra, ao meio ambiente e de povos indígenas foram criminalizadas, atacadas e mortas porque seu trabalho tem implicações nas margens de lucro e nos interesses políticos, as pessoas defensoras de direitos LGBTI+ foram principalmente alvo daqueles que discordavam fundamentalmente de seu direito à igualdade. A escala dessa perseguição foi fortemente destacada em um relatório da Colombia Diversa que registrou o assassinato de 2.900 pessoas LGBTI+ entre 2014 e 2018 em dez países da América Latina e do Caribe. Mais da metade desses assassinatos ocorreu no Brasil, que continua sendo o país onde o maior número de pessoas transgênero são mortas no mundo. O progresso que o movimento LGBTI+ alcançou resultou em uma reação feroz. Em Honduras, grupos ligados à igreja evangélica incentivaram ataques a defensores e defensoras LGBTI+ motivados por esforços de legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e incidência pela criação de um registro nacional de identidade de gênero. Uma organização LGBT, Arcoiris, teve ameaças de morte rabiscadas nas paredes de seus escritórios. Na época, o diretor – que foi alvo de uma campanha de difamação – afirmou que o risco sempre foi alto, mas “a situação atual é simplesmente insustentável”. As defensoras transexuais enfrentaram um aumento nos ataques em Honduras e na República Dominicana. Os riscos se tornaram tão altos que um número considerável de defensoras trans foi forçado a fugir de Honduras. Houve, no entanto, progresso significativo no Equador, quando o Tribunal Constitucional decidiu em junho que a proibição do país ao casamento entre pessoas do mesmo sexo era inconstitucional.

Apesar das críticas e lacunas nas medidas de proteção estatal no Brasil, Colômbia, Honduras e México, defensores e defensoras de direitos humanos continuam buscando mecanismos formais de proteção nas Américas. As defensoras e defensores de El Salvador e Paraguai continuaram a pressionar por uma legislação específica sobre a proteção de pessoas

s defensoras de direitos humanos. Após uma longa batalha no Peru, em abril, o Ministério da Justiça e Direitos Humanos (MINJUSDH) aprovou o passo mais forte para a proteção de defensores e defensoras em risco por meio do “Protocolo para garantir a proteção de defensores de direitos humanos no Peru”.

PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS FORÇADAS A FUGIR

Uma das ramificações da “Primavera Latino-americana” e outras crises políticas e econômicas em andamento foi o êxodo de defensores e defensoras de seus países em busca de segurança. Essa tendência enfraqueceu gravemente o movimento de direitos humanos em alguns países e sua capacidade de documentar e expor violações. Também levou a uma grande incerteza para aqueles/as que tiveram que fugir. A Venezuela testemunha a pior crise de refugiados que a América do Sul já viu, com quase 5 milhões de pessoas venezuelanas tendo deixado o país até o final de 2019. O Brasil viu um aumento de defensores e defensoras LGBTI+ e de direitos das mulheres, acadêmicos/as e lideranças de destaque buscando refúgio e realocação, incluindo Jean Willys e Debora Diniz.

Defensores e defensoras de Honduras fugiram do país ou juntaram-se às caravanas de migrantes para escapar da violência diária ou direcionada e da pobreza; e quando continuaram seu trabalho de direitos humanos nas caravanas, foram novamente alvo. Pessoas defensoras LGBTI+ hondurenhas, em particular as transgênero, tiveram que deixar suas casas como consequência de ameaças, incluindo a morte de colegas e amigos/as. Após a repressão sistemática na Nicarágua, dezenas de defensores e defensoras de direitos humanos e jornalistas deixaram o país quando organizações e meios de comunicação foram forçados a fechar, com a maioria se mudando para a Costa Rica depois de ser deslocada em seu próprio país.

Ásia

DE MANEIRA CRESCENTE, GOVERNANTES AUTORITÁRIOS E GOVERNOS ELEITOS DA REGIÃO VISARAM ATACAR E ISOLAR AS PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS POR MEIO DE AÇÕES DIRETAS OU POR OMISSÃO INTENCIONAL EM PROTEGÊ-LAS. Governos implementaram vários métodos, incluindo a manipulação de narrativas públicas para depreciar e desacreditar defensores e defensoras de direitos humanos. O impacto limitado da incidência tradicional dos direitos humanos foi aparente em muitos países e a contínua erosão da autoridade moral dos Estados democráticos piorou o contexto para defensores e defensoras na Ásia.

Os governos retrataram as pessoas defensoras de direitos humanos como ameaças à segurança fundamental do Estado, uma tendência mais consistente na Ásia do que em qualquer outra região. Isso ficou evidente em países onde o espaço para operar livremente já era severamente reduzido por várias leis e pela ampla impunidade de ataques contra pessoas defensoras. A China, que está cada vez mais exercendo seu poder de projetar influência no exterior, continuou a prender pessoas defensoras de direitos humanos por acusações relacionadas à segurança do Estado. Aqueles/as que propiciaram uma plataforma para as comunidades se unirem para documentar abusos e destacar violações foram particularmente atacados/as. Huang Qi, que administrava um site, foi condenado a 12 anos de prisão em julho, enquanto Liu Feiyue, que liderava o Observatório de Direitos Cívicos e Meios de Vida, foi condenado a cinco anos. Na Índia, leis retrógradas antiterroristas ou de segurança do Estado, como a Lei de Prevenção de Atividades Ilícitas (UAPA) e a Lei de Segurança Pública, bem como a Lei de Poderes Especiais das Forças Armadas, foram usadas para ameaçar, intimidar e, em alguns casos, prender defensores e defensoras. Três pessoas defensoras dos direitos de povos indígenas foram acusadas de sedição em fevereiro por participar de uma manifestação pública pacífica que condenava a violência policial.

A declaração de estado de emergência após os ataques do domingo de Páscoa no Sri Lanka teve um efeito assustador no trabalho de defensores e defensoras de direitos humanos e ameaçou sua segurança. As organizações de direitos humanos foram alvo de buscas em várias ocasiões por forças de segurança sob o pretexto de protocolos de emergência e segurança. A agenda de segurança nacional, que ressurgiu após os ataques, abriu o caminho para o restabelecimento de oficiais que estavam enfrentando sérias alegações de crimes de guerra e assassinatos de defensores e defensoras de direitos humanos, incluindo o atual comandante do Exército.

Nas Filipinas, um grupo de jornalistas e advogados/as de direitos humanos foi acusado de fazer parte de uma suposta conspiração para derrubar o presidente Duterte em abril – primeiro pelo Manila Times e depois pelo próprio gabinete do presidente. Os chamados conspiradores incluíam vários advogados/as da União Nacional dos Advogados do Povo, repórteres do canal de notícias investigativo independente online Rappler, jornalistas do Vera Files, um grupo de verificação da veracidade de fatos, e integrantes do Centro de Jornalismo Investigativo das Filipinas.

Os períodos imediatamente anteriores e posteriores a eleições têm sido consistentemente desafiadores para defensores e defensoras da região. Os Estados estão manipulando com sucesso estruturas democráticas para estabelecer ou manter administrações com fortes agendas autoritárias e nacionalistas, enquanto fingem que uma democracia em funcionamento é, de fato, existente. Na Tailândia, os ataques contra ativistas pró-democracia aumentaram antes e depois das eleições em março. Sirawith Seritiwat, integrante do Movimento Nova Democracia, foi deixado em estado crítico na UTI após um ataque em junho. No Sri Lanka, durante o período que antecedeu as eleições de novembro, em que o ex-Secretário de Defesa, que foi acusado de crimes de guerra, era o candidato principal, houve um aumento de ameaças e intimidações a defensores e defensoras, especialmente aqueles/as que trabalham com responsabilização militar por violações históricas de direitos humanos. Pessoas defensoras de direitos humanos e ativistas pró-democracia foram difamados/as, caluniados/as e receberam ameaças de morte on-line de apoiadores do ex-Secretário de Defesa, agora presidente.

Governos recém-eleitos ou reeleitos em Sri Lanka, Índia e Paquistão deliberadamente atacaram as pessoas defensoras de direitos humanos, às vezes ressuscitando acusações anteriores. No Paquistão, a violência pós-eleitoral e a vigilância contra defensores e defensoras de direitos humanos se tornou ainda mais notável. As falsas acusações e ataques a Gulalai Ismail, sua família e integrantes do Movimento Pashtun Tahafuz são um exemplo. Depois que Gulalai fugiu do país, seu pai foi detido no que poderia ser chamado de “sequestro-prisão” por acusações falsas. Em junho, logo após as eleições parlamentares indianas, o padre Stan Swamy e três outras pessoas defensoras foram alvos com base em uma queixa policial de 2018, conhecida como First Information Report (FIR). O caso foi centrado no suposto envolvimento em uma campanha pacífica pelos direitos à terra liderada por grupos indígenas e Dalits. Também após as eleições, foi apresentada uma FIR contra advogados/as e fundadores/as do “Coletivo de Advogados”, Indira Jaising e Anand Grover, com base em um antigo relatório do Ministério do Interior que alegava violações da Lei de Regulamentação de Contribuições Financeiras. No Sri Lanka, no primeiro mês após as eleições, o governo voltou às práticas passadas. Os

oficiais de inteligência voltaram a realizar visitas de rotina a organizações de direitos humanos buscando informações sobre funcionários, programas e financiadores. Pelo menos três jornalistas foram convocados/as para interrogatório por oficiais de inteligência do Estado, enquanto defensores e defensoras de direitos humanos que trabalham em casos emblemáticos buscando responsabilização por crimes cometidos pelos militares enfrentaram represálias.

Nas Maldivas, apesar da restauração da democracia na ilha em 2018, defensores e defensoras de direitos humanos foram alvo devido à influência de extremistas religiosos no novo governo. As pessoas defensoras de direitos humanos que defendem a liberdade religiosa, o secularismo, os direitos das mulheres e os direitos LGBTI+ foram ameaçadas on-line a tal ponto que temiam por suas vidas e suas famílias. Em outubro, a Rede Democrática das Maldivas (MDN) foi temporariamente banida pelo governo após ataques e uma campanha de “estudiosos religiosos” contra a organização. A resposta das autoridades das Maldivas – confirmando essencialmente a posição dos estudiosos – enviou uma mensagem assustadora à sociedade civil e, em 19 de dezembro, a MDN foi oficialmente banida e teve 45 dias para liquidar suas contas.

Famílias de pessoas defensoras de direitos humanos frequentemente sofrem as consequências de ataques, seja como alvos diretos ou em razão de ataques às próprias pessoas defensoras, as quais veem aumentadas as pressões sobre si. Na China, famílias foram colocadas em prisão domiciliar de fato, tiveram contas bancárias congeladas ou foram interrogadas pela polícia depois de fazerem declarações públicas nas mídias sociais. Em setembro, a polícia pressionou uma escola a negar educação ao filho de seis anos do advogado Wang Quanzhang, uma tática relativamente comum usada no país. Na Índia, a filha do casal de defensores de direitos humanos Urikhimbam Nobokishore e Mangsatabam Sobita foi baleada em julho, provavelmente em retaliação ao trabalho de seus pais em defesa dos direitos dos povos indígenas em Manipur.

Pessoas defensoras também foram alvo de leis retrógradas de segurança cibernética, usadas em conjunto com leis antiterror e acusações de sedição. No Vietnã, uma lei de segurança cibernética que entrou em vigor em janeiro de 2019, em meio a forte oposição, foi amplamente usada para silenciar defensores e defensoras de direitos humanos. Em Bangladesh, a Lei de Segurança Digital (DSA, em inglês) foi usada para prender o defensor Abdul Kaium por acusações de fraude digital e publicação de informações ofensivas, falsas ou indutoras de medo. Em Mianmar, o proeminente cineasta e defensor de direitos humanos Min Htin Ko Ko Gyi foi condenado a um ano de prisão em agosto, sob a Seção 505(a) do Código Penal por criticar o papel dos militares na política por meio de suas postagens no Facebook. Apesar de sua idade avançada e câncer de fígado, lhe foi negada fiança. Na Malásia, o Tribunal de Apelação de Putrajaya rejeitou o recurso do artista defensor de direitos humanos Fahmi Reza contra uma condenação anterior nos termos da Lei de Comunicação e Multimídia de 1998.

LEIS E SANÇÕES CONTRA PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS NA ÁSIA

Leis, regulamentos, políticas e sanções administrativas foram usadas para limitar, interromper e dissuadir o trabalho de defensores e defensoras em toda a região. Na China, quando advogados/as não foram presos/as, as autoridades judiciais adotaram procedimentos administrativos para puni-los/as, principalmente revogando ou suspendendo as licenças para a prática da profissão. Em janeiro, o advogado veterano de Guangdong, Liu Zhengqing, foi impedido de fazer declarações no tribunal consideradas pelas autoridades como “ameaçadoras à segurança nacional” e “difamatórias”. As autoridades citaram duas declarações de defesa que Liu apresentou ao tribunal em dois casos separados, um envolvendo um defensor de direitos humanos em Xinjiang e outro um advogado do Falun Gong em Guangdong. As declarações eram meramente argumentos legais sobre o motivo de os clientes de Liu serem inocentes. O réu de Xinjiang foi acusado de “incitar a subversão do poder do Estado” e “fornecer inteligência a agentes estrangeiros”, enquanto o último foi acusado de “usar um culto para minar a implementação das leis”.

Em outros lugares, as autoridades contaram com regulamentações que limitam o espaço da sociedade civil, como a Lei de Regulamentação de Contribuições Financeiras (FCRA, em inglês) na Índia e os requisitos pesados para registro de ONGs em Bangladesh, Nepal e Paquistão. Em novembro, a Anistia Internacional da Índia foi invadida e suas contas congeladas por suposta violação dos regulamentos da FCRA. Muitas organizações locais que monitoram e documentam violações de direitos humanos enfrentaram sérios desafios de recursos devido a atrasos na concessão da licença da FCRA.

A ameaça de perseguição legal pairou sobre muitos/as defensores e defensoras que abertamente criticam o governo. Nas Filipinas, a defensora de direitos humanos e aclamada jornalista Maria Ressa, cofundadora do principal portal de notícias independente Rappler, foi presa duas vezes em 2019. Em fevereiro, ela foi acusada de ciber-difamação sob a Lei de Prevenção de Crimes Cibernéticos em relação a um artigo publicado no Rappler em 2012, aproximadamente quatro meses antes da promulgação da referida lei. Ela foi solta no dia seguinte, mas foi novamente presa em março sob a chamada lei antilaranja, que impede a propriedade estrangeira de ativos, inclusive da mídia, mesmo que o Rappler seja totalmente de propriedade filipina. *entièrement aux Philippines.*

As autoridades continuaram a limitar a liberdade de expressão das pessoas defensoras de direitos humanos e sua capacidade de se organizarem através de impedimento de acesso ou limitação da Internet. Em junho, o governo de Mianmar suspendeu a Internet móvel em grande parte do estado de Rakhine, lar da comunidade Rohingya. Na Indonésia, o governo limitou o acesso à Internet ou implementou um bloqueio de acesso completo à Internet móvel, em maio, em Jacarta, como resposta aos protestos pós-eleitorais. Um bloqueio semelhante foi imposto às províncias de Papua e Papua Ocidental em agosto, depois que protestos em massa levaram a dezenas de prisões e supostos assassinatos pelas forças de segurança.

Nas Filipinas, o assassinato de pessoas defensoras de direitos humanos continuou ocorrendo com quase total impunidade. A maioria desses assassinatos ocorreu após ataques ou ameaças ao/a defensor/a, que não foram investigadas e nem o/a defensor/a recebeu qualquer proteção do Estado. Pessoas defensoras que trabalham com direitos à terra, ao meio ambiente e de povos indígenas foram mais frequentemente atacadas, devido a evidenciarem violações relacionadas à apropriação de terras ou à degradação ambiental. Além disso, as pessoas defensoras de direitos humanos, especialmente aquelas que trabalham com os direitos citados, foram rotineiramente tachados (“red-tagged”) como terroristas ou insurgentes comunistas; as forças de segurança usaram estes supostos indícios para justificar os assassinatos. Em maio, em resposta ao contínuo assédio e assassinato de seus/as integrantes, o Sindicato Nacional dos Advogados do Povo (NUPL, em inglês) apresentou um Mandado de Amparo à Suprema Corte em busca de proteção a seus/suas integrantes e obteve uma ordem a favor. Quatro meses depois, a advogada do NUPL Criselda Heredi sobreviveu por pouco a uma tentativa de assassinato, enquanto estava com seu filho e um cliente. Tanto a defensora quanto outro advogado, Anthony Trinidad, foram tachados de comunistas (“red-tagged”). Anthony Trinidad, que prestou apoio jurídico a várias pessoas presas políticas, foi morto em Negros em julho.

Destacar os perigos de trabalhar na interseção dos direitos à terras ao meio ambiente e de povos indígenas, onde geralmente estão em jogo grandes lucros e racismo institucionalizado, é o caso de Gudda, em Chattisgarh, na Índia. Ele foi morto a tiros pela polícia após expor a aquisição ilegal de terras tribais, protegidas, pelo governo do estado para uma possível mina de minério de ferro. Defensores e defensoras que buscavam justiça por seu assassinato foram ameaçados/as pelo chefe de polícia local. A experiência de pessoas defensoras que trabalham com direitos à terra, ao meio ambiente e dos povos indígenas mostra os riscos exacerbados para quem trabalha localmente e para quem é marginalizado/a devido a interseções de gênero, orientação sexual, pobreza, etnia, origem e idioma. Defensores e defensoras de direitos humanos que não têm acesso a recursos e as redes nacionais e internacionais de proteção estão especialmente vulneráveis.

Na China, a defensora de direitos humanos Ji Shulong foi condenada a quatro anos de prisão por escrever artigos sobre corrupção e poluição. As defensoras são vistas como disruptivas em comunidades onde sua própria existência é frequentemente interpretada como uma afronta ao status quo. Em março, a proeminente defensora de direitos humanos Sultana Kamal, de Bangladesh, foi listada como “alvo” pelo grupo militante islâmico ilegal Jamaat-ul-Mujahideen, juntamente a sugestões de possíveis maneiras de matá-la. As mulheres que denunciam violência sexual contra si ou contra outras pessoas foram alvo de leis de difamação na Índia e no Nepal. Na Índia, o proeminente jornalista e ex-ministro da União, M.J. Akbar, processou a colega jornalista Priya Ramani em janeiro, depois que ela contou publicamente sua experiência de assédio sexual cometida pelo ministro da União. Sua declaração pública abriu o caminho para outras sobreviventes se apresentarem. As defensoras que trabalham na região de Terai no Nepal enfrentaram assédio e ameaças, especialmente quando intervieram em casos de violência doméstica ou práticas como dote ou casamento infantil. Elas não têm apoio e proteção do Estado e da polícia, nem de sua própria comunidade.

Os protestos populares em vários países da região frequentemente resultaram em violência, prisões e ataques a organizadores/as e apoiadores/as. Na Índia, houve protestos generalizados contra a promulgação da retrógrada Lei de Emenda à Cidadania (CAA, em inglês), aprovada pelo Parlamento em 10 de dezembro, que exclui migrantes muçulmanos/as na Índia apenas com base na religião. O governo respondeu com uso desproporcional e brutal da força, prisões em massa e repressão contra defensores e defensoras de direitos humanos e lideranças estudantis. Mais de uma dúzia de pessoas foram mortas nos protestos, embora o governo negue qualquer responsabilidade. Em Hong Kong, agressores realizaram dois ataques físicos em agosto e outubro contra Jimmy Sham, um dos principais integrantes da Frente Civil dos Direitos Humanos, que ajudou a organizar várias manifestações massivas.

A segurança de Bangkok como um centro regional no sudeste da Ásia para a realocação de defensores e defensoras em risco foi ainda mais prejudicada pela colaboração contínua das autoridades tailandesas com os governos regionais. O defensor do Laos, Od Sayavong, desapareceu em Bangkok no final de agosto, depois de participar de um protesto contra o histórico de direitos humanos do governo do Laos. O blogueiro vietnamita e colaborador da Radio Free Asia, Truong Duy Nhat, desapareceu em janeiro, mas foi encontrado em uma prisão de Hanói em março. Defensores e defensoras de direitos humanos do Camboja, China, Laos e Vietnã que chegam em segurança e solicitam o status de refúgio junto ao ACNUR são forçados/as a se esconder com medo de serem presos/as, sobrevivendo da boa vontade de familiares e amigos.

ESTUDO DE CASO

CAXEMIRA

Em 5 de junho, o governo indiano revogou unilateralmente o artigo 370 da Constituição da Índia, que concedia status especial ao estado de Jammu e à Caxemira. Da noite para o dia, o estado foi apagado como território administrativo e transformado em território da união, sob o controle direto do governo central. A região da Caxemira administrada pela Índia e seus 12,5 milhões de pessoas foram submetidas a um estado de emergência e bloqueio de comunicações. Houve um destacamento massivo de tropas para a região, que já é a mais militarizada do mundo. Houve relatos de escassez de alimentos e suprimentos médicos e falta de transporte, mesmo em emergências.

As pessoas defensoras de direitos humanos na Caxemira falam em vigilância, prisões em massa e intimidação de defensores/as, advogados/as e jornalistas, a fim de suprimir qualquer dissidência, protesto ou incidência contra essa crise de direitos humanos. Logo após o bloqueio, defensores e defensoras de direitos humanos foram convocados/as para reuniões com chefes de polícia e administradores locais que alertaram sobre sanções criminais se continuassem envolvidos/as no trabalho de direitos humanos. Há relatos de uma lista de pessoas impedidas de deixar o país.

A Comissão Estadual de Direitos Humanos foi fechada e seus arquivos e investigações pendentes foram assumidas pela autoridade central. Isso tem um impacto direto na impunidade, particularmente no destino de casos envolvendo assassinatos extrajudiciais, tortura e desaparecimentos forçados movidos contra as forças de segurança. A situação de defensores e defensoras de direitos humanos na Caxemira também é complicada pelo fato de vários/as terem processos criminais pendentes contra si, que podem ser reabertos como represália.

RISCOS DE SEGURANÇA DIGITAL ENFRENTADOS POR PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS EM 2019

Com coordenadores/as de proteção digital diretamente em campo em todo o mundo, a Front Line Defenders tem experiência direta ajudando defensores e defensoras de direitos humanos a mitigar uma ampla gama de riscos digitais aos quais estão expostos/as. Independentemente dos contextos amplamente diversos nos quais defensores e defensoras operam, a natureza das ameaças e obstruções digitais é muito semelhante em todo o mundo. As formas mais comuns de ataque em que foi solicitado o apoio da Front Line Defenders foram campanhas de difamação, trollagem e assédio, além de acesso não autorizado a contas de mídia social, informações as quais foram usadas para comprometer a reputação e a segurança de defensores/as. Essa tática foi usada especialmente para atacar defensores/as LGBTI+ que trabalham em sociedades conservadoras, onde ser exposto/a poderia colocar suas vidas em risco grave. No Egito e no Iraque, as contas de defensores e defensoras LGBTI+ foram invadidas por pessoas que pretendiam usar as informações pessoais dos/as defensores/as de direitos humanos para divulgar que estavam trabalhando nessas questões. Em outros lugares, as autoridades lideraram campanhas coordenadas de denúncias a empresas de mídia social com alvo em contas de defensoras e defensores de direitos humanos, a fim de suspendê-las ou encerrá-las e, assim, limitar seu alcance e possivelmente perder suas bases de seguidores. Isso aconteceu na Argélia, Bangladesh, Barein, Egito, Índia, Iraque, Jordânia, Líbano e Vietnã.

O roubo e o confisco de dispositivos também representaram um risco significativo para as pessoas defensoras de direitos humanos. Em casos de confisco de dispositivos pelas autoridades, mesmo com criptografia, defensores/as foram forçados/as a entregar suas senhas, permitindo assim o acesso a informações confidenciais. Em geral, os dispositivos raramente estavam criptografados e as informações raramente eram armazenadas em backup. Essas informações às vezes foram usadas como evidência para processar defensores e defensoras ou reprimir suas redes de contatos. Às vezes, a mitigação era possível através do fechamento do acesso a contas e da remoção de informações “ofensivas” vazadas. Assédio ou perseguição nas mídias sociais foram uma ocorrência diária para milhares de defensores/as e aqueles/as que trabalham às margens da sociedade foram frequentemente mais visados/as. Na Indonésia, uma defensora foi doxxed (termo em inglês que se refere ao vazamento de informações pessoais) e posteriormente ameaçada de divulgação a sua família conservadora, que detém uma posição social influente, de sua identidade sexual e de sua incidência sobre direitos LGBTI+s. Na Guatemala, mais de 200 defensores/as de direitos humanos, jornalistas e ativistas também foram doxxed, enquanto um incidente semelhante aconteceu em Hong Kong, onde até 200 apoiadores/as do movimento democrático tiveram seus dados pessoais revelados online. Houve um aspecto de gênero nesse ataque, com uma jornalista de um jornal pró-democracia relatando que “recebi centenas de telefonemas ameaçadores... eles me chamavam de vagabunda e prostituta e me diziam para tomar cuidado ou me matariam.”²²

O desligamento da Internet, restringindo o acesso ou bloqueando certas ferramentas de comunicação, como mídias sociais e mensagens instantâneas durante protestos, revoltas sociais ou crises, foi comum em 2019. Isso impactou o trabalho e a segurança de defensores e defensoras de direitos humanos em várias formas; de maneira mais evidente, com um blecaute nas comunicações, era muito mais difícil para defensores/as de direitos humanos denunciar violações, comunicar-se com segurança, organizar-se e mobilizar-se. Isso ficou evidente na Caxemira depois que o governo indiano revogou o artigo 370 da Constituição indiana, que garantia à região um grau significativo de autonomia. Restrições severas e bloqueio ao fluxo de comunicação e informação foram implementados. Com as linhas telefônicas bloqueadas – incluindo telefones fixos, redes móveis e comunicações pela Internet – as pessoas que vivem em Jammu e Caxemira foram obrigadas a usar telefones restritos administrados pelo governo para se comunicar com pessoas de fora da região. Da mesma forma, após os atentados da Páscoa no Sri Lanka e a repressão que se seguiu, as pessoas defensoras foram forçadas a utilizar plataformas menos seguras, já que o WhatsApp, a ferramenta mais comum para muitas defensoras e defensores de direitos humanos no país, foi bloqueada. No Sudão, um blecaute na Internet em todo o país foi imposto durante as manifestações públicas em massa, enquanto desligamentos semelhantes ocorreram na Argélia, Irã e Iraque durante protestos.

De maneira mais geral, 2019 ofereceu mais evidências de que as pessoas defensoras de direitos humanos são um grupo específico que os governos de todo o mundo tem como alvo, enquanto investem recursos substanciais em ataques sofisticados que as empresas privadas estão dispostas a facilitar. Pesquisas da Anistia Internacional revelaram mais uma vez que um governo havia comprado spywares sofisticados do notório grupo israelense NSO,²³ o que levou a ataques por links maliciosos contidos em mensagens de texto a pelo menos duas pessoas defensoras de direitos humanos no Marrocos desde 2017.²⁴ Iguualmente, durante um período de sete meses, integrantes seniores de grupos tibetanos de direitos humanos, entre outros, receberam mensagens de WhatsApp supostamente de ONGs e jornalistas que continham links criados para permitir a instalação de spyware em seus telefones se clicados.²⁵ Todas as mensagens foram originadas de uma conta de WhatsApp vinculada a um número de Hong Kong. Dado que algumas das empresas que produzem spywares usados para atacar ativistas pacíficos/as estão sediadas em países que reivindicam respeito pelos direitos humanos, é surpreendente que tão pouco esteja sendo feito para impedir a exportação dessa tecnologia de vigilância e espionagem para regimes repressivos. Em um avanço bem-vindo em setembro, promotores de Munique abriram uma investigação contra a empresa alemã FinFisher por exportar spyware sem licença. Alega-se que seu spyware foi usado para atacar pessoas defensoras de direitos humanos na Turquia em 2017.²⁶

Europa e Ásia Central

NA EUROPA E NA ÁSIA CENTRAL, AS CAMPANHAS PATROCINADAS POR ESTADOS GRUPOS NÃO ESTATAIS PARA DESACREDITAR DEFENSORES E DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS FORMA FREQUENTEMENTE PROPAGADAS PELAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS TRADICIONAIS. Aqueles/as que defendem migrantes e solicitantes de refúgio, a comunidade LGBTI+, sobreviventes de violência de gênero e outros grupos marginalizados foram retratados/as como opositores/as dos valores tradicionais, da segurança nacional ou das crenças religiosas. O surgimento contínuo de meios de comunicação que espalham notícias falsas e são “fábricas de trolls” contribuiu para o aumento da intolerância e do discurso de ódio, às vezes levando a agressões físicas. Em outubro, o grupo húngaro de extrema-direita Légió Hungária vandalizou o centro comunitário cultural e cívico Auróra, que abriga mais de cem ONGs em Budapeste. Auróra já havia sido difamado por políticos de extrema direita e mídia pró-governo, que tachava o centro como “sede de Soros”, em referência ao filantropo húngaro George Soros. O centro também foi alvo de buscas e apreensões policiais e ataques físicos que não foram adequadamente investigados.

As organizações de sociedade civil que trabalham com diversos direitos foram alvo de partidos no poder, judiciários politizados ou meios de comunicação controlados por interesses políticos ou econômicos. Embora a Comissão Europeia e o Parlamento Europeu tenham iniciado procedimentos para sancionar a Polônia e a Hungria em 2017 e 2018, respectivamente, por violações dos “valores fundamentais” da UE, houve pouco impacto tangível. Em junho, o Tribunal de Justiça da UE decidiu que a “Lei da Suprema Corte” polonesa de abril de 2018, que forçou juízes/as da Suprema Corte a se aposentarem e os/as substituiu por aqueles/as leais ao partido no poder, viola o princípio da independência do Judiciário. Milhares se reuniram em cidades da Polônia para protestar contra uma proposta que permitiria que juízes/as fossem demitidos/as se questionassem a legitimidade das reformas judiciais do governo.

Em julho, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa (PACE, em inglês) restaurou os direitos de voto a Rússia, que foram suspensos em 2014 após a anexação da Península da Crimeia. Várias pessoas defensoras de direitos humanos russas se opuseram a essa decisão por minar os valores fundamentais da instituição. Elas também temiam que isso enviasse uma mensagem a outros membros do Conselho da Europa de que as violações de direitos humanos ficariam impunes desde que os Estados-membros pagassem suas cotas. No entanto, outros/as defensores/as argumentaram que o retorno dos direitos de voto da Rússia permitiria à população russa buscar justiça perante a Corte Europeia de Direitos Humanos, já que a Rússia é o país com o maior número de reclamações, e impediria o país de restaurar a pena de morte.²⁷

Na Europa Ocidental, a criminalização da solidariedade continuou sendo usada como uma ferramenta para interromper o trabalho de defensores e defensoras de direitos humanos que tentam salvar vidas no mar Mediterrâneo. Os Estados que estavam concentrados em impedir que migrantes chegassem às costas e fronteiras europeias adotaram leis e práticas contrárias às suas obrigações legais sob as Convenções de Genebra e violando as obrigações internacionais em operações de busca e salvamento. As pessoas defensoras de direitos de migrantes enfrentaram campanhas de desprestígio e difamação na Bélgica, Croácia, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Itália, Holanda, Espanha, Suécia, Polônia, Turquia e Reino Unido²⁸, estigmatizando-os/as como traficantes de seres humanos e contrabandistas de migrantes. A maioria das investigações e processos formais estava relacionada à vaga definição de crime na Diretiva de Facilitação da UE, que não consegue distinguir adequadamente entre tráfico de seres humanos e trabalho humanitário.²⁹ Isso contrasta com o Protocolo de Tráfico de Migrantes da ONU, que exige intenção criminosa, como “benefício financeiro ou material” ou enriquecimento sem causa, para ação judicial.³⁰ Na Croácia, enquanto acompanhavam solicitantes de refúgio nas delegacias de polícia, defensores/as de direitos humanos enfrentaram questionamentos e detenções prolongadas. Na Itália, várias investigações criminais foram iniciadas contra defensores/as de direitos de migrantes e ONGs envolvidas em operações de busca e salvamento no Mar Mediterrâneo, incluindo Proactiva Open Arms, Luventa, Sea Watch e Mediterranean Saving Humans. Seus navios de busca e salvamento foram apreendidos. Embora o Tribunal de Apelação de Tânger no Marrocos tenha retirado as acusações criminais contra a defensora de direitos de migrantes, Helena Maleno, este caso emblemático contribuiu para a estigmatização e atmosfera de intimidação contra defensores/as de direitos de migrantes na Espanha.

As pessoas defensoras de direitos LGBTI+ e de direitos das mulheres foram descritas como promotoras da “ideologia de gênero”. Esse “conceito” foi amplamente empregado por conservadores globalmente para explicar uma suposta “colonização ideológica” projetada para minar os valores cristãos e destruir a estrutura familiar tradicional.³¹ Na Geórgia, organizadores/as da semana do Orgulho de Tbilisi receberam ameaças de morte, seus escritórios foram atacados e alguns/mas familiares foram ameaçados/as. Em junho, participantes pacíficos/as da Marcha do Orgulho de Istambul foram atacados/as com gás lacrimogêneo e balas de plástico ao deixarem a única rua permitida pela polícia como local para a

manifestação. Na Armênia, Lilit Martirosyan, defensora dos direitos LGBTI+, sua família e colegas receberam ameaças de morte depois que ela falou sobre a discriminação desenfreada contra pessoas trans na Assembleia Nacional da Armênia. No verão, uma “lista de alvos” contendo nomes de ativistas russos/as importantes, incluindo suas informações e endereços pessoais, foi publicada on-line pelo grupo homofóbico Pila – russo para “serra”. Elena Grigorieva, que estava na lista, foi encontrada morta em julho, tendo sido estrangulada e esfaqueada repetidamente, no que foi percebido pela comunidade como um ataque direcionado. Nenhuma investigação séria foi conduzida sobre as ameaças recebidas por outras pessoas na lista e elas não receberam proteção.

As pessoas defensoras que trabalham no combate à violência doméstica e de gênero conseguiram colocar essas questões na agenda nacional de vários países. Em julho, a Corte Europeia de Direitos Humanos reconheceu violações em um primeiro caso, relacionadas à violência doméstica e ao fracasso da polícia em ajudar uma vítima na Rússia. O julgamento foi seguido por um sério debate público sobre a necessidade de reformar a legislação nacional após a descriminalização parcial da violência doméstica em 2017. Na Itália, Lucha y Siesta, que abriga mulheres e estava enfrentando despejo, lançou uma campanha de financiamento coletivo criativa, demandando uma resposta pública e institucional. Por fim, a

MUDANÇA CULTURAL NA ABORDAGEM DA SEGURANÇA PSICOSSOCIAL

As organizações de direitos humanos na Europa Oriental e na Ásia Central compartilham algumas semelhanças devido ao passado histórico coletivo; para algumas, o uso contínuo da língua russa como língua franca regional e a semelhante exposição a narrativas políticas e da mídia. Nos últimos anos, várias organizações experimentaram uma mudança significativa no campo do apoio psicossocial e do bem-estar de defensores e defensoras dos direitos humanos. Tradicionalmente, as organizações de direitos humanos na região tendiam a descartar a ideia de bem-estar por várias razões, incluindo: aconselhamento ser percebido como intervenção médica; ONGs operando como um “círculo de amigos/as” e gerenciadas como tal; ambientes legais hostis que tornam incerta a sobrevivência financeira das ONGs e, portanto, perpetuam a cultura do burnout existente; um sentimento geral de que o trabalho não é valorizado; e o uso de substâncias viciantes como mecanismo primário de escape. No passado, o bem-estar era, na melhor das hipóteses, abordado de um ponto de vista individual, com funcionários/as de ONGs se responsabilizando por sua própria saúde psicológica individual. Essa prática costumava ser associada a uma cultura organizacional profundamente enraizada do martírio, que poderia levar a ciclos intermináveis de esgotamento (burnout) e interações tóxicas.

A mudança para uma ênfase maior no autocuidado é o resultado de esforços de muitas organizações, iniciativas e pessoas que enfatizam a importância crucial do autocuidado e do bem-estar coletivo para trabalhadores/as e ativistas de direitos humanos há, pelo menos, dez anos. O crescimento do número de abrigos e programas de realocação temporária e o estabelecimento do primeiro abrigo regional, o abrigo de Tbilisi, há dois anos, tiveram um papel importante, já que centenas de defensores/as de direitos humanos da região se beneficiaram de descanso, programas de treinamento e apoio psicológico. A ideia de que o trabalho em direitos humanos tem um custo psicológico e que as pessoas defensoras de direitos humanos deveriam ser tratadas como outros profissionais com trabalhos psicologicamente desgastantes gradualmente deixou de ser considerada radical para ser cada vez mais aceita. As organizações LGBTI+ na região lideraram o desenvolvimento de diversos programas e treinamentos. A abordagem de especialistas em segurança que trabalham com ONGs e defensores/as individuais também evoluiu e amadureceu. Enquanto a proteção das pessoas defensoras de direitos humanos era abordada inicialmente através de “modelos de segurança” específicos, por meio de treinamentos e, posteriormente, avaliações de riscos e auditorias de segurança, a noção de “sentimento de segurança” começou a ganhar mais atenção. O entendimento de que decisões e comportamentos pessoais e coletivos estão intimamente ligados à segurança geral de defensores e defensoras e que o esgotamento é uma questão de segurança se tornou parte integrante do discurso de proteção das pessoas defensoras de direitos humanos. Em 2019, a Casa de Direitos Humanos de Belarus lançou uma nova iniciativa que reúne defensores/as na liderança regional da proteção. Anteriormente, esses/as especialistas abordavam a segurança de defensores/as de direitos humanos em seus campos de competência específicos e não estavam necessariamente cientes do trabalho de outros/as. Todos/as relataram estar expostos/as a defensores e defensoras em sofrimento psíquico e que seu próprio conhecimento era insuficiente para lidar com tais situações.

A cultura do estigma em torno do aconselhamento psicológico parece finalmente ter sido quebrada, pelo menos para a geração mais jovem de defensores/as de direitos humanos que começou a falar abertamente sobre seus benefícios para si e para seus movimentos. Também foram envidados muitos esforços para melhorar as condições de trabalho em termos de salários, seguro médico e outros benefícios, apesar de serem difíceis de implementar devido à diminuição de financiamento na região e à persistente cultura de financiamento baseada em projetos promovida pelos doadores. De acordo com uma pessoa defensora russa, “um dos sinais mais óbvios dessa mudança cultural na região é o fato de que os escritórios das ONGs realmente fecham após o horário de trabalho e que os intervalos e feriados são incentivados e estão se tornando uma prática quase normal”.

organização recebeu fundos da administração local para comprar o prédio. A eficácia do movimento de mulheres alimentou represálias e as defensoras relataram um aumento no assédio baseado em gênero, ameaças e insultos on-line na Armênia, Azerbaijão, Belarus, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Polônia, Federação Russa, Espanha, Tadjiquistão, Turquemenistão, Ucrânia e Uzbequistão. A estratégia de chantagear defensoras de direitos humanos com correspondência privada ou fotos foi generalizada. Identificar os autores dessas campanhas permaneceu difícil, tornando as investigações quase impossíveis.

O direito à reunião pacífica continuou a ser violado em muitos países da região. No Cazaquistão, manifestações pacíficas foram fortemente reprimidas em março em relação com as eleições presidenciais, após o anúncio da aposentadoria do líder autocrático de longa data, Nursultan Nazarbayev. Em outubro, Jordi Cuixart, presidente do Òmnium Cultural, que esteve detido em prisão preventiva na Espanha por dois anos, foi considerado culpado de sedição e condenado a nove anos de prisão por promover manifestações pacíficas na Catalunha. Na Rússia, a sociedade civil respondeu com um projeto bem-sucedido chamado OVD-info (traduzido livremente como Delegacia-de-Polícia-info), que coordenou cobertura midiática de protestos em diferentes regiões da Rússia, assistência jurídica e kits de sobrevivência a detidos/as, além de executar uma bem-sucedida campanha de financiamento coletivo, recebendo doações pequenas, mas regulares. Na Turquia, 16 pessoas defensoras de direitos humanos foram indiciadas em março por acusações de financiamento e organização dos protestos de Gezi em 2013 e enfrentam uma possível sentença de prisão perpétua sem liberdade condicional.

Defensores e defensoras que denunciam e documentam a repressão contra minorias muçulmanas na China foram atacados/as no Cazaquistão e no Quirguistão como resultado de um ato de contrapartida política para garantir investimentos chineses. No Quirguistão, grupos nacionalistas como o Kyrk Choro continuaram a atacar organizações e defensores/as de direitos humanos, inclusive por meio de ataques físicos e tentativas de interromper eventos. Depois que conseguiu deixar o Turcomenistão em 2019, o jornalista de direitos humanos Saparmamed Nepeskuliev expôs o uso de tortura e tratamentos desumanos aos quais foi submetido na prisão. Gurbansoltan Achigova, um jornalista veterano que trabalha na Iniciativa Turcomenos para os Direitos Humanos (TIHR), com sede na Áustria, foi fisicamente atacado e impedido de sair do Turcomenistão.

Tentativas de exercer maior controle sobre a Internet continuaram se espalhando por toda a região: após muitos anos de práticas semelhantes em Belarus e no Azerbaijão, o acesso à Internet foi interrompido durante protestos em diferentes regiões da Federação Russa. Defensores e defensoras relataram tentativas elaboradas de phishing, o meio mais barato e fácil de ataque digital. A apreensão física de dispositivos ocorreu em Belarus, Cazaquistão, Polônia, Federação Russa e Tadjiquistão e resultou na exposição das redes de defensores e defensoras e outras informações confidenciais.

Após a publicação on-line de duas declarações públicas chamando a atenção para os efeitos negativos da guerra na saúde pública, após a operação militar em Afrin, na Síria, integrantes executivos/as da Associação Médica da Turquia (TTB) foram chamados/as de “traidores” nas mídias sociais, enquanto o presidente turco também os/as chamou publicamente de “amantes do terrorismo”. Isso foi seguido pelo assédio judicial a 11 integrantes do conselho que foram condenados/as a 20 meses de prisão sob a acusação de “incitar o público ao ódio e à inimizade”. Em maio, três jornalistas investigativos do site Disclose e Radio France foram interrogados pela agência de inteligência doméstica francesa (DGSI) depois que publicaram uma série de relatórios divulgando a venda de armas francesas para a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos e seu uso na guerra no Iêmen. O Ministério das Forças Armadas apresentou uma queixa e o Ministério Público de Paris abriu uma investigação por “comprometimento do sigilo da defesa nacional”.

Na Federação Russa, uma tendência relativamente nova na repressão contra a sociedade civil consistiu em atacar advogados/as de direitos humanos; o sigilo advogado-cliente foi prejudicado em muitos casos, advogados/as foram chamados/as para interrogatório e suas casas foram revistadas, o acesso físico a clientes detidos/as e o direito à representação igual foi obstruído e, em algumas audiências, advogados/as foram impedidos/as de acessar a sala do tribunal. Em agosto, os escritórios da Justice Initiative, uma organização de assistência jurídica, foram revistados em Moscou e em Nazran, Inguchétia, após uma série de protestos. Advogados/as na Turquia continuaram sendo alvo e em um caso emblemático em março, 18 advogados/as de direitos humanos do Escritório de Direito do Povo foram condenados/as a penas entre três e 18 anos de prisão por acusações relacionadas a terrorismo, após audiências procedimentalmente duvidosas.

As organizações na Rússia continuaram sendo alvo de pesadas multas por violar os requisitos da lei de “Agentes Estrangeiros”. Até o final de 2019, o “Memorial” do Centro de Direitos Humanos e o “Memorial” da Sociedade Internacional de Direitos Humanos e História enfrentaram 20 casos por não declarar seu status de “agente estrangeiro” em diferentes recursos da Internet, incluindo páginas pessoais de integrantes nas mídias sociais. Em dezembro, a legislação de “Agentes Estrangeiros” foi estendida para incluir qualquer pessoa que receba financiamento estrangeiro e divulgue informações.

Em um avanço positivo, Oyub Titiev, chefe do escritório do “Memorial” do Centro de Direitos Humanos na República Chechena, foi posto em liberdade condicional em junho após 14 meses de detenção, em razão de uma sentença de março condenando-o a quatro anos em uma colônia penal. Essa punição relativamente branda refletiu o absurdo das acusações de drogas apresentadas, a flagrante ausência de evidências e o acompanhamento eficaz do julgamento por diplomatas internacionais, coordenados/as pela delegação da UE e pela comunidade russa de direitos humanos.

Defensores/as tártaros/as da Crimeia permaneceram sob pressão na Crimeia ocupada. A Crimean Solidarity foi visitada e vigiada rotineiramente pelo Serviço Federal de Segurança (FSB). Emir Usein Kuku, presidente do Grupo de Contato da Crimeia sobre Direitos Humanos em Yalta e membro do Grupo de Direitos Humanos da Crimeia, e Server Mustafayev, coordenador da Crimean Solidarity, permaneceram presos por acusações de extremismo. As novas acusações de “tomada de poder violenta” foram adicionadas às acusações anteriores enfrentadas por Kuku e, em outubro, o promotor solicitou uma sentença de 15 anos.

Em Belarus, um artigo no Código Penal que permitia ação penal contra quem trabalha em organizações não registradas foi abolido após uma longa campanha de incidência da sociedade civil. Embora não fosse mais uma ofensa criminal a partir de junho, a mesma atividade permaneceu punível pelo Código Administrativo. Em setembro, o partido político búlgaro Organização Revolucionária Interna da Macedônia – Movimento Nacional Búlgaro enviou um pedido ao Procurador-Geral para iniciar um processo de cancelamento de registro do Comitê Búlgaro de Helsinque, a mais antiga organização de direitos humanos do país.

Ativistas ambientais e iniciativas ecológicas na região enfrentaram a repressão de autoridades e empresas de segurança. No sul da Itália, ativistas ambientais do movimento No-TAP (Gasoduto Trans Adriático), que se opõem à construção do gasoduto TAP desde 2013, continuaram sendo criminalizados/as. Atualmente, dezenas de manifestantes pacíficos/as são investigados/as sob acusações de resistência a funcionários públicos e manifestações não autorizadas.

Após uma longa campanha de difamação e assédio judicial contra ativistas do movimento Save Kok Zhailau no Cazaquistão, que lutavam contra os planos de um parque nacional ser transformado em uma estação de esqui, o projeto foi oficialmente suspenso. As autoridades de Belarus suspenderam a construção de uma fábrica de baterias em Brest por uma empresa chinesa após quase um ano de protestos de defensores/as ambientais.

ESTUDO DE CASO

ORGANIZAÇÃO PROMINENTE DE DIREITOS DE POVOS INDÍGENAS BANIDA DA RÚSSIA

O Centro de Apoio aos Povos Indígenas do Norte (CSIPN, em inglês) é a principal organização que trabalha para proteger os direitos dos povos indígenas da Sibéria e do Norte e Extremo Oriente da Rússia e a única organização de povos indígenas do país que possui acreditação na ONU. Em 6 de novembro, o tribunal da cidade de Moscou decidiu dissolver a organização quase 20 anos após sua fundação. O Ministério da Justiça solicitou a liquidação do CSIPN com base no fato de que o estatuto da organização não cumpre as recentes alterações à legislação sobre organizações sem fins lucrativos. O CSIPN também foi acusado de não enviar relatórios ao Ministério e de listar um endereço inválido. O tribunal da cidade de Moscou recusou-se a dar mais tempo ao CSIPN para fazer as alterações necessárias e evitar a liquidação.

A decisão de liquidar a organização é o ápice de uma campanha contra a organização e sua liderança, iniciada em 2014. Em setembro de 2014, no aeroporto Sheremetyevo em Moscou, o diretor da CSIPN, Rodion Sulyandziga, teve seu passaporte apreendido e devolvido com uma página removida. Como resultado, o passaporte foi considerado inválido e Rodion Sulyandziga não pôde comparecer à Conferência Mundial da ONU sobre Povos Indígenas, em Nova York. Em 2015, o CSIPN foi colocado no registro do governo de “agentes estrangeiros”. Em 11 de dezembro de 2016, a polícia realizou uma busca no apartamento de Rodion Sulyandziga e o levou à delegacia para interrogatório. Em 2018, a polícia revistou o escritório do CSIPN, apreendendo documentos organizacionais e um computador. O CSIPN acabou sendo removido do registro de agentes estrangeiros em 2018, pois havia parado de receber financiamento internacional.

Oriente Médio e Norte da África

OS CONFLITOS ARMADOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS EM CURSO NA REGIÃO MENA, BEM COMO AS POLÍTICAS DEMÉSTICAS DE GOVERNOS AUTORITÁRIOS CONTINUARAM A REPRESENTAR IMENSAS AMEAÇAS AO ATIVISMO EM DIREITOS HUMANOS. Desemprego desenfreado, serviços públicos precários, pobreza e corrupção provocaram inquietação em muitos países. As mobilizações populares acabaram com o domínio de dois ditadores, Omar Al-Bashir no Sudão e Abdel Aziz Bouteflika na Argélia, trazendo um vislumbre de esperança em outros lugares da região. Defensores e defensoras de direitos humanos estiveram na vanguarda dos movimentos de protesto e da luta contínua por transições democráticas inclusivas em ambos países.

A segurança das pessoas defensoras de direitos humanos continuou sendo a maior preocupação, já que assassinatos direcionados ocorreram no Iraque, Líbia, Sudão, Síria e Iêmen. Defensores e defensoras também morreram como resultado de condições desumanas nas prisões ou tortura na Argélia, Irã, Sudão, Emirados Árabes Unidos e Irã. No Sudão e no Iraque, as autoridades tentaram dispersar os protestos disparando munição letal, resultando na morte de dezenas de manifestantes. Os jovens defensores de direitos humanos sudaneses Mohammed Mattar, Abdelsalam Kisha e Abbas Farah estavam entre os mortos durante uma manifestação de protesto. O defensor e cartunista iraquiano Hussein Adel e sua esposa, a defensora Sara Taleb, morreram a tiros, em seu apartamento em Basra, efetuados homens armados usando máscaras, após retornarem de protesto anticorrupção que ajudaram a organizar. O destino de muitos/as defensores/as de direitos humanos sequestrados/as durante protestos permanece desconhecido, apesar dos apelos de organizações nacionais e internacionais.

TRATAMENTO DESUMANO A PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS ENCARCERADAS E DETIDAS

A exposição de pessoas defensoras detidas e presas a condições desumanas e precárias é uma prática comum da maioria dos governos da região. Isso envolve tortura e maus-tratos, negligência médica, manter defensores/as de direitos humanos em confinamento solitário ou pequenas celas em condições insalubres e negação das visitas de familiares e advogados/as. Embora as más condições nas prisões sejam uma das principais fontes de preocupação em geral, essa tática tem sido cada vez mais usada pelos governos como um meio adicional de represália contra defensores/as de direitos humanos e para enviar uma mensagem à sociedade civil. Ao perseguir pessoas defensoras de direitos humanos internacionalmente conhecidas e mantê-las em condições terríveis, governos repressivos, especialmente no Egito, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, demonstraram publicamente seu desdém pelas críticas internacionais a seus históricos de direitos humanos. Nos Emirados Árabes Unidos, as condições de saúde do ganhador do Prêmio Martin Ennals, Ahmed Mansoor, deterioraram-se como resultado das más condições da prisão em confinamento solitário, sem cama ou acesso à água corrente. Ele não recebeu atendimento médico nem teve permissão para receber visitas de familiares. Ele foi severamente espancado em setembro e torturado em outubro como resultado de seus protestos sobre suas más condições. Mansoor está preso na prisão de Al-Sadr, em Abu Dhabi, cumprindo uma sentença de 10 anos. As autoridades penitenciárias também puniram defensores/as de direitos humanos encarcerados/as quando se manifestaram contra suas condições e comunicaram-nas ao mundo exterior. Em agosto, o estado de saúde do defensor de direitos das crianças, o iraniano Saeed Shirzad, se deteriorou drasticamente devido à negativa de atendimento médico urgente pela administração da prisão. Ele estava enfrentando um alto risco de insuficiência renal e sofria de espasmos musculares contínuos, além de ferimentos causados por guardas da prisão. Em abril, ele completou uma sentença de cinco anos de prisão, mas as autoridades judiciais aplicaram uma sentença suspensa de um ano que foi emitida contra Shirzad em 2012 para puni-lo por protestar contra suas condições.

Em muitos casos, defensores e defensoras de direitos humanos sentiram que não tinham outra opção a não ser lançar greves de fome com risco de vida, o que às vezes resultou em perdas trágicas. O defensor argelino da minoria étnica mozabita, Kamal Eddine Fekhar, morreu em maio como resultado de negligência médica em detenção. O defensor passou dois meses em uma greve de fome aberta na prisão de Ghardaïa, protestando contra sua detenção e processo judicial. Seu advogado relatou condições desumanas na ala da prisão, com o defensor acorrentado à sua cama e sofrendo de infecções de pele como resultado de falta de higiene; seus repetidos pedidos para ver um médico foram rejeitados. A defensora egípcia Esraa Abdel Fattah, em greve de fome desde 8 de dezembro, foi submetida a choques elétricos e ameaças de morte. Em 16 de dezembro, seu estado de saúde se deteriorou e ela foi transferida para o hospital da prisão. No Barein, Egito, Irã, Arábia Saudita, Sudão, Síria e Emirados Árabes Unidos, defensores/as de direitos humanos também foram submetidos/as a maus-tratos e tortura como forma de humilhação, represália ou para invalidar falsas confissões. *comme moyen d'humiliation, de représailles ou pour soutirer de faux aveux.*

Pessoas defensoras de direitos humanos foram submetidas a desaparecimentos forçados e detenção incomunicável no Egito, Iraque, Líbia, Emirados Árabes Unidos e Iêmen. No Egito, Ibrahim Ezz El-Din, pesquisador da Comissão Egípcia de Direitos e Liberdades (ECRF, em inglês), foi preso no Cairo e levado a um local desconhecido por mais de 167 dias, provavelmente como resultado de seu trabalho em direito à moradia e despejos forçados no Egito. Ele ressurgiu em 26 de novembro e agora está detido preventivamente. A maioria dos governos usou o assédio judicial para minar o trabalho de defensores/as de direitos humanos, aumentando assim os custos emocionais e financeiros do envolvimento no ativismo. Disposições antiterroristas e leis de crimes cibernéticos foram mais comumente usadas para deter e processar defensores/as de direitos humanos. Com o surgimento de protestos populares em vários países, as pessoas defensoras foram pegas em ondas de detenções em massa que ocorreram na Argélia, Egito, Iraque, Líbano e Sudão. Elas também enfrentaram restrições arbitrárias de movimento em toda a região, na tentativa de interromper sua interação com a comunidade internacional. No Egito, pelo menos 31 defensores e defensoras estavam sob proibição de viagem em 2019.

A contínua deterioração das condições socioeconômicas³² resultou na mobilização de defensores/as dos direitos trabalhistas. No Irã, o sindicalista Esmail Bakhshi foi condenado em setembro a 18 anos de prisão e 74 chicotadas, juntamente a outros três sindicalistas e quatro jornalistas sob várias acusações de minar a segurança nacional. O “crime” deles foi publicar nas mídias sociais evidências do uso de tortura pela segurança iraniana.

Uma enorme crise ambiental e corrupção levaram manifestantes libaneses/as às ruas no início de setembro, reunindo vários setores da sociedade e superando algumas das divisões sectárias que atormentavam o país. Os protestos levaram à renúncia do primeiro-ministro Saad Al-Hariri e seu governo em outubro. As mulheres estavam na linha de frente desde os primeiros dias e enfrentaram difamação online e violência física de vários grupos não estatais que tentavam se infiltrar nos protestos. Defensores/as de direitos humanos da Síria e da Palestina que vivem no Líbano também enfrentaram várias formas de assédio e intimidação, incluindo restrições ao seu direito de associação.

Defensoras de direitos humanos foram submetidas a represálias por seu ativismo no Egito, Irã e Arábia Saudita. Na Arábia Saudita, começou em março o julgamento de um grupo de defensoras importantes, incluindo Loujain al-Hathloul e Aziza al-Yousef, que estavam em campanha pelo direito das mulheres de dirigir e pelo fim das leis de tutela masculina. As defensoras não foram informadas das acusações antes da audiência e não foram autorizadas a falar durante o processo, enquanto advogados/as e jornalistas estrangeiros/as não foram autorizados/as a comparecer. Em março, a defensora e advogada iraniana Nasrin Sotoudeh foi condenada a 33 anos de prisão e 148 chicotadas – uma das mais longas sentenças de prisão proferidas contra uma pessoa defensora em todo o mundo. Antes de sua detenção, Sotoudeh representava as defensoras que protestaram contra o véu obrigatório no Irã. A violência com base em gênero ou acusações discriminatórias foram usadas para silenciar e retaliar defensoras e reduzir seus papéis na vida pública. No Sudão, proeminentes defensoras foram perseguidas e detidas no início de 2019 durante os protestos pró-democracia. O estupro e a violência sexual foram usados como arma contra as ativistas e manifestantes. No Marrocos, um tribunal de Rabat condenou a defensora e jornalista Hajar Raissouni a um ano de prisão por acusações de “realizar aborto ilegal” e “adultério” após um julgamento politicamente motivado em retaliação a seu trabalho sobre corrupção na região de Rif. Após uma campanha de grupos de direitos locais e internacionais, ela foi libertada por perdão real em 16 de outubro. No Egito, a defensora transgênero Malak Al-Kashif foi presa em março após sua campanha por direitos sociais e econômicos. Ela foi colocada em prisão preventiva em confinamento solitário na prisão masculina de Tora até sua libertação em julho. Al-Kashif foi assediada sexualmente por um policial e foi forçada a passar por um exame anal enquanto estava detida. A defensora egípcia Eman Al-Helw foi submetida a exame físico forçado durante sua detenção e a defensora saudita Loujain Hathloul foi ameaçada de estupro. A defensora Esraa Abdel Fattah enfrentou uma campanha de difamação com teor sexual logo após sua prisão.

O espaço para quem trabalha com direitos LGBTI+ também permanece extremamente restrito. Em agosto, as autoridades palestinas declararam que a polícia proibiria qualquer evento organizado ou realizado pela Al-Qaws pela Diversidade Sexual e de Gênero. Em setembro, um show LGBTI+ foi cancelado no Líbano após ameaças recebidas pelos organizadores e pressão de instituições religiosas; no início de julho, uma apresentação no Byblos Festival pelo grupo musical mais conhecido do país (e defensores LGBTI+), Mashrou' Leila, também foi forçada a ser cancelada por razões semelhantes.

Vigilância digital e ataques cibernéticos foram implementados contra pessoas defensoras de direitos humanos, jornalistas e blogueiros/as no Egito, Irã, Marrocos, Palestina (pelas autoridades israelenses e palestinas), Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. No Irã, Iraque e Sudão, a Internet foi desativada para conter protestos pacíficos e cortar as comunicações entre defensores/as de direitos humanos, manifestantes e o mundo exterior. O blecaute na Internet colocou vidas em risco, pois obstruiu a troca de informações sobre localização de manifestantes feridos/as, bloqueios de estradas e centros médicos. A empresa israelense NSO Group foi identificada como estando por trás de ataques a dezenas de defensores/as de direitos humanos em vários países por meio do spyware Pegasus, que circula por mensagens de texto e chamadas pelo WhatsApp. Entre aqueles que tiveram seus dispositivos infectados estavam dois defensores de direitos humanos marroquinos,

Abdessadak El Bouchattaoui e Maati Monjib.³³

As autoridades atacaram repetidamente defensores e defensoras de direitos humanos que defendem os direitos das minorias étnicas, dos povos indígenas e que trabalham com direitos ambientais. No Kuwait, um grupo de defensores/as bidunes foi processado e detido em julho por participar de protestos pacíficos reclamando direitos dos apátridas. Em abril, 25 defensores/as de direitos humanos núbios/as no Egito foram condenados/as a uma multa alta. As autoridades marroquinas impuseram restrições e vigilância a defensores/as de direitos humanos no Saara Ocidental e, em Gaza, as forças israelenses continuaram a usar força indiscriminada contra manifestantes e defensores/as de direitos humanos que apoiam protestos semanais.

A maioria dos governos da região impõe severas restrições ao trabalho de ONGs de direitos humanos e organizações da sociedade civil. ONGs independentes não têm status legal permitido na Argélia, no Irã e nos Estados-membros do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG).³⁴ Em abril, o Tribunal de Apelação de Casablanca rejeitou um recurso interposto por Racines, mantendo assim a decisão de dezembro de 2018 de dissolver a organização em conexão com seu trabalho sobre a liberdade de expressão artística no Marrocos. Em agosto, o Egito promulgou uma nova lei para ONGs, como alternativa à amplamente criticada Lei nº 70 de 2017, que continua a impor restrições ao estabelecimento de ONGs, suas atividades e financiamento. Ela substitui as sentenças de prisão por violar suas disposições por enormes multas.

As autoridades israelenses e palestinas continuaram a assediar e intimidar defensores e defensoras palestinos/as nos Territórios Palestinos Ocupados (OPT, em inglês). Em maio, o defensor e jornalista Sari Jaradat foi morto a tiros por soldados israelenses enquanto cobria protestos na vila de Beit Sira, a oeste de Ramallah. Em março, a Coalizão de Jovens contra Assentamentos suspendeu suas atividades após ataques e ameaças de colonos contra seus voluntários/as e observadores/as de campo em Hebron. Em setembro, as Forças de Defesa de Israel invadiram o escritório da Associação Addameer de Suporte e Direitos Humanos de Prisioneiros em Ramallah e confiscaram vários dispositivos digitais e cartões de memória. As autoridades israelenses também tiveram como alvo integrantes e apoiadores/as do movimento Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS). Em março, o tribunal militar de Ofer ordenou a detenção do artista e defensor Hafez Omar sem acusações por suas campanhas pelos direitos de prisioneiros/as palestinos/as e apoio ao movimento BDS.

ESTUDO DE CASO

OTIMISMO RECENTE DE PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS NA ARGÉLIA DESAPARECE

A renúncia do presidente autoritário Abdelaziz Bouteflika em 2 de abril, após uma revolta popular contra seus planos de concorrer a um quinto mandato, trouxe esperança para o futuro da democracia e dos direitos humanos na Argélia. Durante os protestos, as principais pessoas defensoras de direitos humanos do país participaram da mediação entre manifestantes e instituições públicas para encontrar soluções para a crise. Elas documentaram abusos cometidos contra manifestantes e usaram meios audiovisuais para torná-los públicos. Advogados/as de direitos humanos prestaram assistência jurídica e consultoria de segurança a ativistas.

No entanto, em setembro, os militares e o presidente interino declararam que haveria eleições presidenciais em dezembro, ignorando os apelos de manifestantes para se engajarem em reformas legais e institucionais antes das eleições. A repressão a manifestantes e defensores/as de direitos humanos se intensificou após esta declaração. Detenção, perseguição judicial e intimidação continuaram contra defensores/as de direitos humanos que se uniram e apoiaram as demandas do movimento. Apesar da queda do presidente, políticas repressivas do Estado visaram jornalistas anticorrupção, blogueiros/as, sindicalistas e integrantes de grupos de direitos. Em outubro, o jornalista e defensor de direitos humanos, Said Boudour, foi interrogado e acusado de difamação e insulto ao regime. Abdelouahab Feraousi, presidente da Associação Nacional da Juventude (RAJ), foi detido por policiais à paisana em 10 de outubro, enquanto participava de um protesto em apoio a detidos/as na capital. Muitos integrantes da RAJ foram presos/as e detidos/as no segundo semestre de 2019. O advogado de direitos humanos e ex-presidente da Liga da Argélia para a Defesa dos Direitos Humanos (LADDH, em francês), Salah Dabouz, foi frequentemente assediado pelas autoridades argelinas. Ele foi detido brevemente em abril e ficou sob observação judicial por quase quatro meses por fazer um comentário crítico sobre a autoridade judicial em Ghardaïa em sua conta do Facebook. Em setembro, ele foi atacado e esfaqueado por dois homens mascarados em uma tentativa de assassinato. A intimidação e retaliação contra defensores e defensoras de direitos humanos pioraram após seus apelos para boicote às próximas eleições presidenciais, de forma a retirar qualquer legitimidade popular. A véspera das eleições na Argélia resultou na prisão e perseguição judicial de muitos/as ativistas.

Endnotes

1. <http://unsr.vtaulicorpuz.org/site/index.php/en/statements/306-hrc2019-statement>
2. <http://davaotoday.com/main/human-rights/lumad-leader-mother-of-seven-killed-in-bukidnon/>
3. https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Poverty/A_HRC_41_39.pdf
4. <https://rightsindvelopment.org/uncalculatedrisks/>
5. <https://www.business-humanrights.org/sites/default/files/documents/20191105%20Feronia%20response%20to%20BHRRC%20final.pdf>
6. <https://www.federalregister.gov/documents/2019/05/30/2019-11300/department-of-state-commission-on-unalienable-rights>
7. <https://www.iom.int/news/mediterranean-migrant-arrivals-reach-76558-2019-deaths-reach-1071>
8. <https://news.un.org/en/story/2019/11/1050551>
9. <https://news.un.org/en/story/2019/11/1050551>
10. https://ilga.org/downloads/ILGA_World_State_Sponsored_Homophobia_report_global_legislation_overview_update_December_2019.pdf
11. <https://www.hrw.org/news/2019/12/05/indias-transgender-rights-law-isnt-worth-celebrating>
12. <https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-of-remembrance-2019/>
13. <https://www.hrdhub.org/wellbeing>
14. http://rightsandresources.org/wp-content/uploads/FactSheet_WhoOwnstheWorldsLand_web2.pdf
15. <https://news.mongabay.com/2019/11/madagascar-suspends-activities-at-controversial-base-toliara-mine/>
16. Veja s declaração da empresa: <https://www.business-humanrights.org/en/death-of-mr-joel-imbangola-lunea>; Veja o anúncio de investigação pelo CDC: <https://www.cdcgroup.com/en/news-insight/news/cdc-appoints-independent-team-to-investigate-the-death-of-joel-imbangola-lunea-feronia/>
17. Em meio a essa turbulência política, as ideologias da sociedade em geral tornaram-se mais arraigadas. Uma das maneiras pelas quais isso se manifestou na sociedade civil foi através do aumento da pressão sobre os defensores/as e os movimentos sociais para 'tomar partido'. Defensores/as e movimentos que destacaram violações, especialmente quando executados sob governos de esquerda, frequentemente se viram atacados como estando alinhados às forças de direita, uma alegação que é particularmente prejudicial para os defensores/as de direitos humanos no contexto latino-americano e que pode levar a segmentos da população se sentirem desconectados ou não representados por aqueles que lutam por seus direitos.
18. A assinatura do Acordo Escazu foi uma das batalhas mais importantes vencidas pelos defensores/as de direitos humanos na região em 2018.
19. <https://www.theguardian.com/world/2019/aug/21/jair-bolsonaro-accuses-ngos-setting-fire-amazon-rainforest>
20. <https://www.conectas.org/en/news/conectas-expresses-solidarity-with-firefighters-from-alter-do-chao>
21. <https://www.frontlinedefenders.org/en/statement-report/defenders-beyond-borders-migrant-rights-defenders-under-attack-central-america>
22. <https://www.bangkokpost.com/world/1784944/bulletproof-china-backed-site-attacks-hk-democracy-activists>
23. O NSO Group vende spyware para governos repressivos há anos, com pleno conhecimento de que seria usado para atingir, entre outros, defensores e defensoras de direitos humanos. Para mais informações, consulte: <https://citizenlab.ca/2018/09/hide-and-peek-tracking-nso-groups-pegasus-spyware-to-operations-in-45-countries/>
24. <https://www.amnesty.org/en/latest/research/2019/10/morocco-human-rights-defenders-targeted-with-nso-groups-spyware/>
25. <https://citizenlab.ca/2019/09/poison-carp-tibetan-groups-targeted-with-1-click-mobile-exploits/>
26. <https://www.dw.com/en/german-prosecutors-investigate-spyware-maker-finfisher/a-50293812>
27. Em outubro, vários políticos pediram o restabelecimento da pena de morte após o assassinato de uma menina de 9 anos. Uma moratória sobre a pena de morte foi introduzida em 2009.
28. https://www.migpolgroup.com/wp-content/uploads/2019/06/Final-Synthetic-Report-Crackdown-on-NGOs-and-volunteers-helping-refugees-and-other-migrants_1.pdf
29. O Artigo 1, seção A, do Conselho Diretivo 2002/90/CE, de 28 de novembro de 2002, que define a facilitação de entrada não autorizada, trânsito e residência, estipula: “Cada Estado-Membro adotará sanções apropriadas contra qualquer pessoa que ajude intencionalmente uma pessoa que não seja nacional de um Estado-Membro a entrar ou o transitar no território de um Estado-Membro, violando as leis do Estado em questão na entrada ou no trânsito de estrangeiros”.
30. De acordo com o Artigo 3 do Protocolo de Contrabando de Migrantes da ONU, “Contrabando de migrantes” significa a aquisição, para obter, direta ou indiretamente, um benefício financeiro ou outro material, da entrada ilegal de uma pessoa em um Estado a qual a pessoa não é residente nacional ou permanente.
31. <https://www.awid.org/sites/default/files/atoms/files/170523-ours-ch2.pdf>
32. De acordo com o Banco Mundial, houve “taxas de crescimento abaixo do necessário para criar mais empregos para a crescente população em idade de trabalhar na região”. Quase metade da população da região MENA tem menos de 25 anos e a taxa de desemprego entre jovens é a mais alta do mundo, chegando a 30%. Além disso, o preço do petróleo e do gás, principal fonte de renda da região, caiu 13% entre abril e outubro.
33. <https://www.amnesty.org/en/latest/research/2019/10/morocco-human-rights-defenders-targeted-with-nso-groups-spyware/>
34. <https://www.gcc-sg.org/en-us/AboutGCC/MemberStates/Pages/Home.aspx>

ANÁLISE GLOBAL 2019 FRONT LINE DEFENDERS

DUBLIN

Front Line Defenders – Sede principal
Second Floor, Grattan House
Temple Road, Blackrock, A94 FA39
Co. Dublin, Irlanda

Tel: +353 1 212 37 50
Fax: +353 1 212 10 01
Email: info@frontlinedefenders.org

BRUSELAS

Front Line Defenders – Oficina Europea
Square Marie-Louise 72
1000 Bruselas
Bélgica

Tel: +32 230 93 83
Fax: +32 230 00 28
Email: euoffice@frontlinedefenders.org

Defina Front Line Defenders no Facebook, Twitter, YouTube y Instagram

www.facebook.com/FrontLineDefenders
twitter.com/FrontLineHRD
www.youtube.com/FrontLineHRD
www.instagram.com/frontlinedefenders/



O Front Line Defenders assina o Código de Conduta da Dochasen para imagens e remoções.



WWW.FRONTLINEDEFENDERS.ORG



As idéias, opiniões e comentários expressos nesta publicação são de exclusiva responsabilidade dos Front Line Defenders e não representam ou refletem necessariamente a política.



Este documento foi produzido com a assistência financeira da União Europeia. O conteúdo deste documento é de responsabilidade exclusiva dos defensores da linha de frente e, sob nenhuma circunstância, pode ser considerado como refletindo a posição da União Europeia.



A responsabilidade pelo conteúdo cabe inteiramente aos Front Line Defenders. O governo da Suécia não compartilha necessariamente as opiniões e interpretações expressas.

IRIS O'BRIEN
FOUNDATION



Printed on recycled paper.